"MAS, ONDE ESTÃO AS NEVES DE OUTRORA?"[1]

Notas bibliográficas sobre a condição das mulheres no tempo das catedrais

Christine Rufino Dabat[*]

Entre os séculos XII e XIV, "*um branco manto de catedrais*" cobriu a Europa ocidental, nas palavras famosas de Raul Glaber. Símbolos entre os mais prestigiados da arte ocidental medieval, elas foram quase todas dedicadas à Virgem Maria.

Nas novas formas de História, o imaginário ocupa um lugar cada vez mais sólido e respeitado.[2] A importância dessa dedicação a uma figura feminina das maiores e mais belas obras que a sociedade feudal urbana ergueu no período medieval não escapou à atenção dos especialistas, talvez estimulada por um aparente paradoxo, pois o ideário guerreiro, próprio desse mundo, é inegavelmente masculino.[3] Distintos medievalistas[4] associam a afirmação do culto marial,[5] expresso no fenômeno arquitetônico, à importância dada, na teologia da época, à vida terrestre de Jesus: à terra onde ele nasceu, alvo das Cruzadas; e, naturalmente, à pessoa que o deu à luz, segundo a mitologia cristã. Desse modo, reconciliam-se, de forma durável, dois ícones da cultura ocidental: o cavaleiro intrépido e a senhora misericordiosa.

Autores de renome, em particular Georges Duby, mostraram, com inigualável brilho,[6] o quanto esse capítulo da história do Ocidente não deveria ser relegado ao costumeiro *addendum* sobre História da Arte. Pois as catedrais participam plenamente, como otimização estética, da sociedade medieval. Elas a traduzem em dimensões essenciais: espirituais, sem dúvida; artísticas, obviamente; mas também sociais, pois exprimem relações de poder; econômicas, por revelarem uma extraordinária capacidade de mobilização de recursos diversos por comunidades bastante pequenas; intelectuais, já que cada medida de altura e cumprimento, ou ornamento esculpido tem significado; técnico, enfim, visto a fantástica complexidade do feito e a rapidez de sua realização. As catedrais são, sem dúvida, jóias da civilização ocidental.

---

[1] "Mais où sont les neiges du temps jadis", verso que volta como um refrão (o termo é usado pelo autor na própria balada) numa famosa poesia de François Villon: "Ballade des Dames du temps jadis", *Poésies complètes*, Paris, Livre de Poche, 1964, p. 65-66. Artigo publicado na revista Cadernos de História da UFPE – Gênero & História. Ano I, Número 1, 2002, p. 23-68.

[*] Professora do Departamento de História da UFPE. Gostaria de agradecer a colaboração de Ozede Nóbrega e Estelita Medeiros que diligentemente revisaram o português no presente artigo. Quaisquer erros, imprecisões e falhas são de minha inteira responsabilidade..

[2] LE GOFF, Jacques, *O imaginário medieval*, Lisboa, Estampa, 1994. ARIES, Ph. e DUBY, G., *História da Vida Privada*, Vol.1, São Paulo, Companhia das Letras, 1990; e, sobretudo vol. II, *Da Europa feudal à Renascença*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

[3] Ver, por exemplo, COSTA, Ricardo Luiz Silveira, *A Guerra na Idade Média. Estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*, Rio de Janeiro, 1998.

[4] ALPHANDERY, Paul, (1875-1932) & DUPRONT, Alphonse, *La cristiandad y el concepto de cruzada. Las primeiras cruzadas*, Mexico, UTEHA, 1959, 176 p. DUPRONT, Alphonse, *Du Sacré. Croisades et pèlerinages. Images et langages*, Paris, Gallimard, 1987.

[5] BARNAY, Sylvie, *La Vierge. Femme au visage divin*, Paris, Gallimard, 2000.

[6] DUBY, Georges, *O tempo das catedrais. A arte e a sociedade, 980-1420*, Lisboa, Estampa, [1976] 1993.

Ora, já se propôs medir o grau de civilização de dada sociedade pela posição das mulheres no seu seio. Sem incorrer na pretensão de estabelecer qualquer graduação desse tipo, cuja utilidade, aliás, sempre foi altamente nefasta, as páginas a seguir objetivam apenas evocar o papel das mulheres numa sociedade autora de tamanhas realizações artísticas, que a opinião comum atribui, implícita e explicitamente, a talentos e esforços apenas masculinos. Tanto mais que, até épocas recentes, estimadas amplamente "superiores" à medieval na escala do evolucionismo cultural, o "sexo frágil" Fora efetivamente excluído de boa parte das decisões e realizações reverenciadas. Colocar as mulheres na paisagem histórica, evidenciando a riqueza e variedade de suas contribuições aos grandes marcos de nossa cultura, em diversas escalas e posições, é uma tarefa ainda longe de ser concluída. Pode-se, no entanto, acompanhar as contribuições de diversos autores/as e pesquisadores/as inclusive medievalistas que, muitas vezes, surpreenderam seus leitores ao desvendar uma realidade insuspeita e derrubar inúmeros preconceitos, a começar pelos resquícios caluniosos que herdamos das "Luzes" a respeito de uma suposta "Idade das Trevas". A título de exemplo, para não dizer de incitação à curiosidade, algumas linhas de interesse são esboçadas nas páginas a seguir, destinadas a alunos de graduação interessados pelo assunto e propondo-lhes leituras relevantes. Podem ser úteis, talvez, para inserir a questão do papel das mulheres na sociedade medieval numa perspectiva renovada pelos autores acima citados. Pois suas obras estimulam, sem dúvida, uma reflexão maior sobre afirmativas clássicas da história oficial – como o eterno refrão segundo o qual "as mulheres entraram na produção com a revolução industrial"! – quanto aos rumos do corpo social europeu como um todo, a partir do "O*utono da Idade Média*"[7] nas palavras de Huizinga. Quanto aos rumos da civilização, diria Engels.

"Idade Média, Idade dos Homens"?

Georges Duby já decretou a Idade Média, uma "Idade dos homens".[8] Outros/as autores/as de várias correntes historiográficas, como Régine Pernoud,[9] Caroline Walker Bynum[10] e Eileen Power,[11] para citar apenas essas, insistem no entanto nas posições diversas, múltiplas e de destaque ocupadas por mulheres em variados âmbitos sociais no período medieval. Elas denunciam a miopia - retrospectiva - que afeta seus colegas historiadores. Por sua vez, as fontes mais prestigiadas – as escritas discursivas - não são isentas de tal cegueira seletiva, dada a

[7] Título da obra de Johan Huizinga que não perde nada de seu brilho, após um século de publicação: *O Declínio da Idade Média*, Ulisséia, s.d.

[8] DUBY, Georges, *Idade Média, Idade dos homens, Do Amor e outros ensaios*, São Paulo, Schwarcz, 1989. O título francês é ainda mais forte: "Mâle Moyen-âge"

[9] Entre outras obras dessa medievalista, podem ser citadas, a respeito das mulheres: *Alienor d'Aquitaine*, Paris, Albin Michel, 1965. A *Mulher no tempo das catedrais*, Lisboa, Grádiva, 1984. *La femme au temps des croisades*, Paris, Stock, 1990. *Héloise et Abélard,* Paris, Albin Michel, 1970. *La Reine Blanche*, Paris, Livre de Poche, 1972. *Hildegarde de Bingen, Conscience inspirée du XIIe siècle*, Livre de Poche, 1994. *Christine de Pisan,* Paris, Calmann-Lévy, 1982. *J'ai nom Jeanne la Pucelle,* Paris, Gallimard, 1994.

[10] BYNUM Caroline Walker, *Resurrection of the Body in Western Christianity, 200-1336* Columbia Univ Pr; 1995. *Fragmentation and Redemption: Essays on Gender and the Human Body in Medieval Religion,* Repr ed. Zone Books, 1992. *Jesus As Mother: Studies in the Spirituality of the High Middle Ages*, University of California Press; 1984. *Holy Feast and Holy Fast: The Religious Significance of Food to Medieval Women* University of California Press, 1988.

[11] POWER, Eileen, *Medieval Women*, Cambridge, Cambridge UP, 1975. *Les femmes au Moyen Age*, Paris, Aubier, 1979. É um dos estudos mais abrangentes e interessantes dedicado à Inglaterra, embora mencione outros âmbitos geográficos, como a França, inclusive com propósitos comparativos.

famosa misoginia[12] do clero secular e regular medieval,[13] que se outorga, nessa época, um monopólio (masculino) crescente sobre a vida intelectual, com a criação das universidades.

Um olhar sem preconceito, no entanto, descobre inúmeros documentos que permitem resgatar as atividades daquelas mulheres que, na escala social vigente, tinham uma posição de poder: as nobres e, em menor medida, as citadinas. As camponesas, infelizmente, como os camponeses, sofrem da exclusão dos trabalhadores, tão brilhantemente exposta por Michelle Perrot,[14] a respeito de outro século. Ela se verifica exemplarmente para o papel fundamental do campesinato, isto é os *laboratores*, trabalhadores e trabalhadoras rurais que alimentam e provem toda a sociedade: os chamados "*bois*" da sociedade tripartite,[15] segundo uma imagem da época. A amplitude de sua contribuição, que Georges Duby ilustra com a presença de quatro bovídeos no topo das altas torres da catedral de Laon,[16] é induzida, mais do que propriamente constatada nas fontes. O silêncio a seu respeito, apenas entrecortado por descrições animalescas na literatura e tratamento depreciativo nos outros textos, permite a exploração crescente dos dados fornecidos – sem preconceito! - no campo arqueológico.[17]

Tendências historiográficas inovadoras recentes, com a chamada Nova História eclodiram num vasto movimento que continua a tradição dos Annales. Ele alarga as temáticas aceitas pela academia como pertinentes ao ofício do historiador e são concomitantes com a preocupação do movimento feminista recente em desvendar uma história no feminino até então envergonhada. Muitas mulheres de talento empreenderam uma espécie de conquista de seu passado enquanto gênero, tirando o monopólio dos homens que escreviam sobre as mulheres, mas o faziam apenas no contexto familiar. "*Tal projeto poderia parecer adotar um ponto de vista sobredeterminado ao mesmo tempo pela cegueira e os preconceitos medievais, e por aqueles dos medievalistas de ontem e de hoje*."[18]

Entre os autores "de ontem", o tema parece malfadado pela superposição de desprestígios - trabalho, mulher e Idade Média. Jules Michelet, de certo, encanta-se por Joana d'Arc[19] e aborda diversos aspectos interessantes no seu *Moyen Age*,[20] antes de se

---

[12] Ver uma obra que custou à autora a perda de sua cátedra universitária de História: RANKE-HEINEMANN, Uta, *Eunucos pelo reino de Deus. Mulheres, sexualidade e a Igreja católica*, São Paulo, Rosa dos Ventos, 1996.

[13] No final de seu belo livro sobre Robert d'Arbrissel, Jacques Dalarun exclama-se, a esse respeito: "*Hersende, Pétronille, Angarde, Agnès... sem falar das mais humildes que nos escapam para sempre. Quem nos dirá as razões exatas que as levaram a abandonar castelo, bordel ou marido para seguir Robert? Quem nos contará a afeição que tinham por ele, a força de sua fé? É preciso imaginá-lo quase inteiramente. Os textos estão contra elas: quando se recusam a resignar-se ao papel de virgens tímidas ou de pecadoras arrependidas, é com viragos que eles nos obrigam a ressucitá-las.*" DALARUN, Jacques, *Amor e Celibato na Igreja Medieval*, São Paulo, Martins Fontes, 1990, p. 171.

[14] PERROT, Michèle, *Os excluídos da história. Operários, Mulheres e Prisioneiros*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

[15] Eadmer de Canterbury, Transmitindo Os Ensinamentos De Santo Anselmo, início XI, "*Exemplo dos carneiros, dos bois e dos cães.*" in LE GOFF, Jacques, *A Civilização do Ocidente Medieval*, vol. II, Lisboa, Estampa, 1983, p.10.

[16] DUBY, Georges, *O tempo das catedrais*, op. cit., p.

[17] Ver a obra da Profa. Grabrielle Démians d'Archimbaud, da Universidade de Aix-en-Provence.

[18] KLAPISCH-ZUBER, Christiane, "Les femmes et la famille", in LE GOFF, Jacques, *L'homme médiéval*, Paris, Seuil, 1989, p. 316.

[19] MICHELET, Jules, *Joana d'Arc*, São Paulo, Imaginário/Polis, 1995.

[20] MICHELET, Jules, *Le Moyen Age, Histoire de la France*, Paris, [1869] Robert Laffont, 1981.

deter ao triste destino da bruxa.[21] Ele faz da liberação da mulher, na sua terminologia, uma das três grandes glórias do século XII, junto com a do espírito e das comunas, julgamento firmemente criticado por Barthélémy, solidário da linha de explicação avançada por Duby a respeito do amor cortês.[22] August Bebel, ardente defensor das mulheres de seu tempo, não parece muito interessado no período medieval.[23] Além de algumas preciosas precursoras como Andrée Lehman,[24] Evelyne Sullerot,[25] e Régine Pernoud, para citar apenas essas, é preciso esperar o movimento feminista contemporâneo, que inspirou medievalistas de destaque como Caroline Bynum,[26] Jacques Dalarun[27] e Christiane Klapisch-Zuber (responsável pelo volume II sobre a Idade Média na esplendida e monumental obra empreendida por Michelle Perrot e Georges Duby, *A História das Mulheres*[28]), para encontrar obras inspiradoras nos recortes das temáticas tanto quanto inovadoras pela abordagem e uso de fontes diversas (escritos de todos os tipos, inclusive literários, documentos arqueológicos, iconográficos etc). Entre as obras de maior originalidade, figuram também as de Eileen Power[29] e Meg Bogin.[30] Sem esquecer, no âmbito da história religiosa, Uta Ranke Heinemann[31] e o grande medievalista norte americano, Peter Brown,[32] que forneceu, na sua obra extensa, uma perspectiva finalmente histórica sobre um assunto inevitável: o Cristianismo.

---

[21] MICHELET, Jules, *La socière. A feiticeira.*

[22] DUBY, Georges, *Idade Média, Idade dos homens,* op. cit. Penso particularmente no capítulo "O amor cortês". Ver a esse respeito o artigo de Danielle Renier-Bohler, "Amour Courtois" in LE GOFF, Jacques et Jean-Claude Schmitt, *Dictionnaire raisonné de l'Occident médiéval*, Paris, Fayard, 1999, p.32-41. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, Imprensa Oficial do Estado/Edusc, trad. coord. por Hilário Franco Jr 2 vol., 2002.

[23] Das quinze páginas que ele dedica ao assunto no seu *A mulher e o socialismo*, três tratam dos Germanos (citando Tácito!) e quatro do *jus primae noctis* (uma lenda criada na época das Luzes, diz Pernoud). BEBEL, August, *Die Frau und der Sozialismus*, Berlin, Dietz Verlag, [1895] 1973, p. 89-103.

[24] LEHMAN, Andrée, *Le rôle de la femme dans l'Histoire de France au Moyen-Âge*, Paris, Berger-Levrault, 1952.

[25] SULLEROT, Evelyne, *Histoire et sociologie du travail féminin*, Paris, Gonthier, 1968. *A mulher no trabalho. História e sociologia*, São Paulo, Exped., 1970.

[26] BYNUM, Carline Walker, *Jesus as mother*, op. cit.

[27] Além de sua contribuição ao belo livro citado a seguir, é preciso mencionar o tocante livro que escreveu a respeito de Robert d'Arbrissel e seu mundo: *Amor e Celibato na Igreja Medieval*, op. cit.

[28] DUBY, Georges e Michelle PERROT, *História das Mulheres*, Vol. II *A Idade Média*, Org. Christiane KLAPISCH-ZUBER, Porto, Afrontamentos/ São Paulo, Eubrasil, 1994. É importante sublinhar a variedade e distinta qualidade das diversas contribuições que são listadas a seguir. DUBY, Georges e Michèle PERROT, "Escrever a História das Mulheres", p.7-9. KLAPISCH-ZUBER, Christiane, "Introdução", p. 9-23. KLAPISCH-ZUBER, Christiane "As normas de controlo", pp. 25-28. DALARUN, Jacques, "Olhares de clérigos", p. 29-64. THOMASSET, Claude, "Da natureza feminina", p. 65-98. CASAGRANDE, Carla, "A mulher sob custódia", p. 99-142. VECCHIO, Silvana, "A boa esposa", p. 143-184. OWEN-HUGHES, Diane, "As modas femininas e seu controlo", p. 185-214. KLAPISCH-ZUBER, Christiane, "As mulheres nas estratégias familiares e sociais", p.217-226. FONAY WEMPLE, Suzanne, "As mulheres do século V ao século X", p. 227-272. L'HERMITE-LECLERCQ, Paulette, "A ordem feudal (séculos XI-XII) ", p. 273-330. DUBY, Georges, "O modelo cortês", p. 331-352. OPITZ, Claudia, "O quotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500)", p. 353-440. KLAPISCH-ZUBER, Christiane, "Traços e imagens de mulheres", op. cit. 437-440. PIPONNIER Françoise, "O universo feminino: espaços e objectos", p. 441-460. FRUGONI, Chiara, "A mulher nas imagens, a mulher imaginada", p. 461-514. Christiane Klapisch-Zuber, "A palavra das mulheres", p.513-515. RÉGNIER-BOHLER, Danielle, "Vozes literárias, vozes místicas", p. 517-590. DUBY, Georges, "Depoimentos, testemunhos, confissões" p. 592-599.

[29] POWER, Eileen, *Les femmes au Moyen Age*, op. cit.

[30] BOGIN, Meg, *Les trobairitz, poetes occitanes del segle XII*, Barcelona, la Sal Ediciones de le dones, 1988.

[31] RANKE-HEINEMANN, Uta, *Eunucos pelo reino de Deus,* op. cit.

[32] BROWN, Peter, *Corpo e Sociedade, O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*, Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

Felizmente, existem cada vez mais biografias: Alienor da Aquitânia inspirou uma das mais interessantes do gênero, composta por Marion Mead;[33] entre os destinos que inspiraram diversos/as autores/ras Hildegarde von Bingen[34] Heloisa,[35] Christine de Pizan[36] e Joana d'Arc[37] ocupam um lugar de destaque.

"As mulheres tiveram um Renascimento?"

Um dos temas mais debatidos pelas historiadores/as preocupados/as com a questão de gênero, particularmente nos termos estabelecidos por Joan Scott,[38] é de saber se uma *História das mulheres é possível*.[39] Não se pretende aqui entrar em um debate tão instigante. Apenas lembrarei algumas das dimensões que podem ser exploradas. Perguntar, por exemplo, o quanto homogêneo é o período medieval ocidental em termos de estatuto das mulheres, tanto do ponto de vista cronológico quanto geográfico. Da mesma forma, havendo mudanças, em que sentido elas ocorreram. A esse respeito, opções interpretativas opostas são oferecidas. Seguindo a corrente principal da historiografia, atinge-se com certo alívio os séculos supostamente menos 'bárbaros' das cruzadas e catedrais, que apontam para a Baixa Idade Média mais 'moderna' com o surgimento de monarquias feudais rumo ao tão esperado Renascimento. Mas, é também possível enveredar pelas vias menos convencionais, mais interessantes do ponto de vista da história das mulheres, oferecidas por Friedrich Heer,[40] que evidencia um fechamento da Idade Média nesse mesmo período e reforça a pergunta de Joan Kelly: "Será que as mulheres tiveram um Renascimento?" [41]

A pergunta é legítima. Os argumentos não faltam para mostrar a inferiorização das mulheres no auge da Idade Média. Não se conheciam arquitetas de catedrais;[42]

---

[33] MEADE, Marion, *Eleanor de Aquitânia*, São Paulo, Brasiliense, 1991. PERNOUD, Régine, *Alienor d'Aquitaine*, op. cit.

[34] Além da biografia que Régine Pernoud lhe dedicou, há grande número de obras em alemão e em inglês, por exemplo, Barbara NEWMAN que escreveu várias obras a seu respeito: *Sister of Wisdom: St Hildegard's Theology of the Feminine*, Los Angeles-London, Univ. of California Press, 1997. A mesma medievalista editou *Voice of the Living Light: Hildegard of Bingen and Her World,* Los Angeles-London, Univ. of California Press, 1998, uma coletânea de artigos escritos por vários especialistas. Outra biografia recente foi escrita por Sabina Flanagan, *Hildegard von Bingen 1098-1179*: *A Visionary Life*, Routledge, 1998.

[35] ROCHA, Zeferino, *Paixão, violência e solidão. O drama de Abelardo e Heloisa no contexto cultural do século XII*, Recife, Ed. Universitária da UFPE, 1996. PERNOUD, Régine, *Héloise et Abélard*, op. cit.

[36] Ver nota adiante.

[37] PERNOUD, Régine, *J'ai nom Jeanne la Pucelle,* op. cit. Esse é apenas um exemplo da enorme literatura sobre Joana. A filmografia (p. 144-151) é um bon exemplo do gênero, embora pouco comentada. Entre os inúmeros títulos importantes, o livro de Georges e Andrée Duby, Le procès de Jeanne d'Arc, Paris, Gallimard, 1973.

[38] SCOTT, Joan W., *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, Recife, SOS Corpo, 1993.

[39] PERROT, Michelle Ed., *Une histoire des femmes est-elle possible?* Marseille, Rivages, 1984.

[40] HEER, Friedrich, *O Mundo Medieval. A Europa de 110 a 1350*, Lisboa, Arcádia, [1961] 1968, 463p. Autores diversos concordam com Heer a respeito de populações visadas pelas novas instituições, mulheres e judeus em particular, como Jean Delumeau, na sua obra notável *História do Medo no Ocidente*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989; ou Léon Poliakov, no primeiro volume de sua vasta obra retraçando a história do anti-semitismo no Ocidente: *De Cristo aos judeus da corte. História do Anti-semitismo I*, São Paulo, Perspectiva, 1979.

[41] KELLY-GADOL, Joan, "Did Women Have a Renaissance?" in BRIDENTHAL, Renate, KOONZ, Claudia & STUARD, Susan, *Becoming Visible. Women in European History*, Boston, Houghton Mifflin, 1987, p. 175-201.

[42] De qualquer modo, as obras artísticas medievais são, por tradição, anónimas. A grande excepção, ou marca de mudança é personificada por Villard de Honnecourt, grande arquiteto do gótico, cujos cadernos de desenhos foram publicados e comentados: CARREIRA, Eduardo, *Estudos de Iconografia medieval. O caderno de Villard de Honnecourt, arquitecto do século XIII*, Brasília, UNB, 1997.

tampouco Heloísa, apesar de suas reconhecidas competências acadêmicas, podia debater com Abelardo sobre as escolas universalista e nominalista numa universidade masculina por definição institucional. No mesmo período, a teologia de Alberto o Grande e Tomás de Aquino reafirmava a doutrina católica impregnada da herança maniqueista ainda presente no pensamento augustiniano que rebaixa toda a vida concreta, por ser contaminada pelo pecado original.[43] Em termos de gênero, como as funções fisiológicas eram consideradas desprezíveis, as mulheres foram duplamente atingidas. Passaram a personificar a reprodução, única função que lhes fosse doravante reconhecida, investida de uma carga negativa dupla por revelar o exercício da sexualidade e em virtude de sua dimensão eminentemente fisiológica portanto maculadora.

Nesse mesmo auge da Idade Média, a Igreja criava também a Inquisição – como a universidade, exclusivamente masculina – preparando o terreno institucional, mas sobretudo ideológico, para a caça às bruxas subsequente àquela aos heréticos. Então, a ideologia dominante reforçava as bases da polarização da imagem feminina – Maria e Eva, a Santa e a bruxa – que modelariam, não apenas mentalidades e gostos, mas muito concretamente, todo o aparato jurídico, político, econômico e médico justificando a subsequente exclusão polivalente das mulheres dos lugares de poder, cujo nadir acontece no século XIX. O nascimento – no sentido dado por Jacques Le Goff[44] – do purgatório e da figura de Maria Madalena, como posições intermediárias entre pólos antitéticos na paisagem mental, não alteraram substancialmente essa oposição radical. Elas a modularam apenas, deixando aberta a porta para negociações, indulgências, remissões devidamente intermediadas pela instituição eclesiástica, dando-lhe autoridade (*auctoritas*) mas também poder (*potestas*), no sentido romano do termo, redobrados em mãos exclusivamente masculinas, as do clero secular.

Justamente no mesmo período, os Valois inventaram uma interpretação imprevista da antiga Lei dos Francos Sálicos, que resultou na exclusão das mulheres da linha de sucessão ao trono da França,[45] provocando assim certo aviltamento da condição feminina no campo político.

Em suma, a sociedade medieval, na sua idade feudal, é guerreira, exaltando sobremaneira o valor – masculino – militar. Encontra-se, ademais, dominada, nos seus mínimos detalhes, por uma religião masculinizada ao extremo e afirmando uma misoginia estrutural, tanto do ponto de vista teológico quanto institucional. Pois a Reforma Gregoriana, magnificando o ramo eclesiástico secular (exclusivamente masculino) acentuara sobremaneira essa característica. A conjunção dos dois factores - militar e religioso - resultou, exemplarmente, nas cruzadas, lançando exércitos europeus para fora do continente, na primeira fase de uma expansão prometida a amplos desdobramentos. Portanto, as forças que concorriam para diminuir o espaço feminino na sociedade cumulavam grandes potência e abrangência. Idade dos homens, portanto, sem dúvida.

Mas é importante sublinhar que são inovações, tendências inéditas que se manifestam progressivamente através rebaixamentos sucessivos da condição feminina em todos os âmbitos da vida social, política, econômica, cultural. Seus efeitos seriam, sobretudo, agravados ao longo dos séculos posteriores à Idade Média. O Renascimento,

---

[43] Ver as obras de Uta RANKE-HEINEMANN, *Eunucos pelo reino de Deus*, op cit. bem como a obra infinitamente precisa e esclarecedora quanto ao período definidor dessas idéias veiculadas pela Igreja católica, de Peter BROWN, *Corpo e Sociedade*, op. cit.

[44] LE GOFF, Jacques, *La naissance du purgatoire*, Paris, Gallimard, 1981.

[45] Essa vai ser o ponto de partida da "segunda" guerra de cem anos, se acompanharmos Duby.

para as mulheres, não tem, de certo, o mesmo significado glorioso, libertador que veste na historiografia geral. Será que a periodização clássica, ou sua interpretação habitual se justifica apenas para a metade masculina da população?

Pois, os movimentos feministas da História contemporânea, desde o século XVIII com Olympe de Gouges e Mary Wollestonecraft, são, em grande parte, uma re-conquista de espaços, liberdades e poderes perdidos nos séculos da Baixa Idade Média e dos Tempos Modernos. No período medieval como um todo,[46] as mulheres gozavam ainda de oportunidades e direitos que ser-lhes-iam negados um por um. As Luzes e o Progresso, que inspiraram os séculos posteriores às supostas "Trevas" medievais, arvorando conotações eminentemente positivas na concepção evolucionista da História, no entanto, foram, para as mulheres, como para outras categorias sociais (judeus, escravos etc.), épocas de retrocesso. Na Idade Média, elas haviam gozado, com plena capacidade, de papéis importantes, senão absolutamente iguais aos homens, em muitas áreas de atividade: econômica, política e artística. Foram mesmo determinantes em algumas delas, embora não naquelas de maior prestígio – retrospectivo – como arquiteta de catedrais ou teólogo universitário.

Seu papel aparece mais nitidamente numa releitura das bases documentais que fundamentam nosso conhecimento do mundo medieval europeu. Os escritos, por muito tempo os mais prezados e conhecidos dentre as fontes históricas, eram apenas aqueles discursivos produzidos por clérigos masculinos reverenciados na tradição canônica, cujos preconceitos doutrinalmente apoiados pecavam por omissão ou viés depreciativo. Hoje em dia, são exploradas as obras de mulheres eclesiásticas, como Marie de France, Hrovista, Hildegarde von Bingen,[47] bem como massas de documentos laicos fiscais e notariais - contratos de casamentos, estudados por Elizabeth Crouzet-Pavan,[48] inventários, testamentos - que revelam com exatidão o peso econômico de certas categorias de mulheres nas mais diversas atividades. Além desses, doações de senhoras, transações de mosteiros femininos, regulamentos de corporações femininas, atas de tribunais, inclusive da Inquisição[49] explicitam o que a iconografia já mostrava: há mulheres presentes em quase todas as situações, inclusive algumas inesperadas.

AS MULHERES NAS ATIVIDADES ECONÔMICAS

A Economia doméstica

Tanto na área rural quanto nas cidades, quase tudo o que se consome diariamente na Idade Média é fabricado e conservado em casa. Sem dúvida, há trocas, comércio de curto e longo alcance, mas a proporção de produção doméstica é

[46] Muitos dos autores se restringem ao que lhes parece ser o período mais rico e melhor conhecido da era medieval, o que cria um círculo vicioso interpretativo: considerados privilegiáveis, por serem "mais avançados" do que os anteriores, esses séculos demonstram aspectos negativos para a situação das mulheres que são, por sua vez, ampliados. Essas características sendo tacitamente projectadas para a Alta Idade Média deturpem, portanto, o conceito que se pode ter da situação das mulheres no período como um todo, aliás, uma construção historiográfica altamente questionável.

[47] Nos anos recentes, assistiu-se a um verdadeiro florescimento de publicações de todas as ordens (até rap-music!) em torno da obra dessa grande intelectual e música alemã. Na internet, podem ser encontradas até 126 músicas de sua autoria, além de textos.

[48] "Uma flor do mal: os jovens na Itália medieval (séculos XIII-XV)", in LEVI Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude, *História dos Jovens,* vol *1 Da Antiguidade à Era Moderna,* São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 192 et ss.

[49] Ver em particular o trabalho pioneiro de LEROY LADURIE, Emmanuel, *Montaillou. Cátaros e católicos numa aldeia francesa (1294-1324*), São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

enorme. Como o explica Elaine Power, "*a economia doméstica era uma coisa muito mais complicada do que hoje em dia*."[50] Até o século XX, na Europa rural o consumo doméstico, diríamos hoje, era tributário da produção da unidade familiar.

Christiane Klapisch-Zuber sublinha o quanto a presença feminina no lar é considerada como altamente desejável,[51] por serem as tarefas de prover aos usos domésticos, essencialmente femininas. No final do período, os espaços internos das casas mais abastadas (burguesas sobretudo como já o mostrou Philippe Ariès[52]) se especializam. Qualquer que seja o nível social da unidade familiar, o maior peso da responsabilidade de sua gestão recai sobre as mulheres: a senhora deve gerir o sustento de um conjunto que pode atingir grandes escalas de pessoas e bens. As camponesas, na sua maioria muito pobres, demonstram constante inventividade para garantir refeições mínimas a seu marido e filhos durante o ano todo para "*enganar a fome*" diz Duby.[53]

Senhoras da ordem e boa administração do lar, o elenco das competências das donas de casa é tão vasto quanto são diversos os afazeres que lhes cabem.[54] Sejam elas nobres ou servas, com distinções evidentes, são responsáveis pelo fornecimento alimentar e produtos de primeira necessidade (vestuário, roupas de cama, sabão, velas etc.) da família. Isso implica uma grande perícia na conservação dos alimentos e outros produtos. Durante os longos invernos europeus, o abastecimento da casa está assegurado principalmente por aquilo que fora armazenado.

Fundamentais são a capacidade de planejamento, de modo a distribuir racionalmente no tempo os recursos geralmente reduzidos e não arriscar situações de total falta de comida, por exemplo. Outra exigência essencial às donas de casa é a competência técnica para conservar carnes, peixes, grãos, frutos, ervas. Muitas vezes, eles requerem transformação como secagem, cozimento, salga, defumação etc. e armazenagem específico, de acordo com sua natureza, em invólucros e espaços apropriados.[55] Inspecioná-los, corrigir eventuais acidentes nos processos de conservação e armazenagem e sobretudo protegê-los de predadores são aspectos absolutamente cruciais das tarefas "domésticas" das mulheres, cuja importância preponderante na sobrevivência da família é singularmente depreciada pela maioria dos autores/ras, talvez em virtude de sua falta de conhecimento prático de qualquer uma das tarefas/responsabilidades assim denominadas.

Cada operação desse tipo requer conhecimentos específicos, quanto ao estado dos frutos, grãos etc., mas também ao momento próprio para a realização de dada etapa. A estação, obviamente. As fases da lua são importantes bem como o momento do dia, o tempo vigente etc. tanto para a coleta quanto para o processamento. Indispensável é a perícia, fruto da experiência acumulada de incontáveis gerações, para o bom desenrolar de procedimentos singulares de detalhe para cada tipo de bem. Uma aparelhagem adequada deve ser providenciada, construída ou fabricada de acordo com as operações empreendidas. Muitas vezes, os instrumentos duráveis precisam de manutenção

[50] POWER, Eileen, *Les femmes au Moyen Age*, op. cit., p. 52.
[51] KLAPISCH-ZUBER, Christiane, "Les femmes et la famille", in LE GOFF, Jacques, *L'homme médiéval*, op. cit., p. 338.
[52] Na sua obra pioneira ARIES, Philippe, *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien régime*, Paris, Seuil, 1973 [1960].
[53] DUBY, Georges, *A Europa na Idade Média*, Lisboa, Teorema, 1984, p. 11.
[54] KLAPISCH-ZUBER, Christiane, "Les femmes et la famille", in LE GOFF, Jacques, *L'homme médiéval* , op. cit., p. .339.
[55] Ver as descrições contidas no artigo de Françoise Piponnier, "Quotidien", in LE GOFF, Jacques et Jean-Claude Schmitt, *Dictionnaire raisonné de l'Occident médiéval*, op. cit., p. 917-933.

específica (panelas em diversos metais, grades, peneiras etc.). Além do mais, certa capacidade física é exigida para algumas das operações. Diversas operações são tradicionalmente realizadas em conjunto pela mulheres do castelo, ou na aldeia por vizinhas agrupadas. A ajuda mútua sempre existe para facilitar o melhor resultado e dar ânimo às trabalhadoras.

Para a camponesa, a escolha está muito reduzida, tanto na variedade quanto na quantidade dos alimentos. Em todas as estações, mas particularmente no inverno e na primavera, é preciso, embora difícil, complementar o cardápio baseado em grãos sob forma de papa, pão ou sopa com legumes, pela colheita de cogumelos e frutas silvestres. Preciosos são os produtos da pequena criação que sobram após o pagamento das inúmeras e pesadas taxas senhoriais entregas ao castelo. Eles oferecem a única variação disponível numa dieta essencialmente monótona e insuficiente, como o comprovam os resultados da arqueologia em necrópoles medievais. Em pequena escala, a camponesa deve, portanto, angariar também alimentos para os animais, pelo menos até o Natal, época tradicional de grandes consumações. É comum as provisões esgotarem-se na primavera, antes da maturação de novas safras, o que torna o jejum da quaresma talvez funcional além de dietético e religioso.

A senhora de um castelo deve prever e coordenar as tarefas de intendência para a *família* extensa e exigente do senhor, isto é, todas as pessoas de diversas condições que o assistem e servem. Tal empreendimento supõe supervisionar e ordenar o trabalho de muitos serviçais de ambos os sexos sob suas ordens; manter uma contabilidade detalhada das reservas para poder utilizá-las adequadamente em diversas épocas, e providenciar a compra de insumos indispensáveis nem sempre disponíveis no domínio, como o sal, que compõe, com o vinho e as especiarias (entre as quais o açúcar), são "*as principais compras alimentícias*".[56] Às vezes, a quantidade de comensais é tão grande que o nomadismo se torna imperativo, pois nenhuma comunidade pode sustentá-los por muito tempo.[57] Apenas uma vida itinerante da corte ducal ou real, de cidade em cidade ou de castelo em castelo, evita o perigoso esgotamento dos recursos locais.

Outra grande atividade doméstica é a produção têxtil. Todas as mulheres, qualquer que seja sua classe social, dedicam-lhe tempo, produzindo algum tipo de fio, pano ou acabamento. Nobres, elas podem se limitar a bordados finos. As monjas desenvolvem técnicas particularmente rebuscadas para o uso eclesiástico: vestimentas rituais, mantos para os santos, toalhas para os altares. Castelos e igrejas manifestam sua riqueza em tapeçarias espetaculares que veiculam mensagens religiosas ou literárias. Elas têm a função prática essencial de tornar os ambientes mais confortáveis além de mais bonitos, retendo as temidas correntes de ar frio. As camponesas confeccionam todas roupas de casa além do vestuário de todos os membros da família. Elas fornecem também ao castelo ou mosteiro grandes quantidades de lã, fio e panos rústicos, de acordo com medidas muito precisas de volume, tamanho e qualidade.

As outras produções domésticas pertencem a praticamente todas as artes. Elas precisam satisfazer as necessidades múltiplas da unidade familiar de forma correspondente a seu estatuto e seus recursos. Os medicamentos são de grande importância para a maioria da população, cuja saúde fica inteiramente a cargo das mulheres 'sábias' (*sages-femmes*, em francês), nome dado às parteiras, cujos conhecimentos lhes permitem tratar os mais diversos problemas por meio de chás, decocções, ungüentos e xaropes. Em breve, estariam entre as vítimas prediletas da

[56] POWER, Eileen, *Les femmes au Moyen Age*, op. cit., p. 54.
[57] Ver essa prática na corte de Alienor da Aquitânia. MEADE, Marion, *Eleanor de Aquitânia*, op. cit.

Inquisição na caça às bruxas, um fenômeno moderno, e não medieval, embora a máquina que propele essa perseguição seja produto tardio do movimento de renovação do papado iniciado pela Reforma Gregoriana.

Atividades econômicas das mulheres no campo

> "*Os camponeses que trabalham para nós, que se cansam sob todo tempo e em todas as estações, que se entregam a obras servis, desprezadas pelos seus senhores, estão incessantemente sobre-carregados, e isto para acorrer à vida, ao vestuário e às frivolidades dos outros... São perseguidos pelo incêndio, a rapina e a espada; são metidos em prisões, postos a ferros e depois são obrigados a pagar resgate, ou então, são mortos violentamente pela fome, são entregues a todos os tipos de suplícios*."
> Geoffroy de Troyes

Na sociedade feudal, estima-se que noventa por cento da população são camponeses, metade deles, mulheres. Para as camponesas, a participação no trabalho produtivo é normal. Servas ou não, suas tarefas são tão meticulosamente estabelecidas quanto para os homens sujeitos a senhores. Inúmeros documentos estipulam a quantidade de trabalho ou produtos requeridos em virtude da condição pessoal, da posse da terra ou mil outras taxas finalmente extorquidas de toda a população rural.[58] Exigem geralmente esforços pesados como manobrar moinhos (Grégoire de Tours), e especializados, como a criação, a produção de alimentos (queijos, manteiga etc) e de tecidos para a casa senhorial. Além do consumo de sua família, as camponesas abastecem portanto boa parte da população castelana e urbana.

A quantidade de trabalho braçal é sempre enorme, pois, como o sublinha Georges Duby, "*o reforço do esforço humano surge como o principal motor do desenvolvimento agrícola*" que marca os séculos XI e XII.[59] Mulheres aparecem na contabilidade dos grandes domínios fazendo de tudo: cavam, semeiam, colhem, batem os cereais, cobrem as casas com palha etc.[60] Claudia Opitz menciona localmente certa divisão do trabalho que torna algumas tarefas específicas. Assim, se a aração é masculina,[61] outras operações agrícolas mobilizam ambos sexos, enquanto que a criação de animais domésticos (carneiros, porcos, vacas leiteiras), como a produção têxtil, são femininas. As camponesas transformam as matérias primas, assim obtidas, em produtos para o uso doméstico, mas sobretudo e em primeiro lugar para a casa senhorial. Parte

[58] Ver a esse respeito a obra magnífica de Marc Bloch, *A sociedade feudal*, São Paulo, Ed. 70, [1970] 2ª ed. 1998, originalmente publicada em 1939 e que permanece uma leitura fundamental para qualquer assunto sobre a sociedade medieval européia. Ver também obras de seguidores desse grande mestre como FOURQUIN, Guy, *História Econômica do Ocidente Medieval*, Lisboa, Ed. 70, 1981 [1969]. FOURQUIN, Guy, *Senhorio e feudalidade na Idade Média*, Lisboa, Ed. 70, 1987 [1970].

[59] DUBY, Georges, *L'économie rurale et la vie dans les campagnes dans l'Occident médiéval*, Paris, Montaigne, 1962, vol. I, p.140. *Economia rural e vida no campo no ocidente medieval*, Lisboa Ed. 70, 1987, vol. I e II

[60] DUBY, Georges & WALLON, Armand, *Histoire de la France Rurale*, T. 1, *La formation des campagnes françaises*, Paris, Seuil, 1975.

[61] OPITZ, Claudia, "O quotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500)", in DUBY, Georges e Michelle PERROT, *História das Mulheres*, Vol. II *A Idade Média*, op. cit., p. 394.

dessa produção abastece direta ou indiretamente os mercados locais e regionais. O senhorialismo comporta também privilégios de acesso a esses últimos. Mas, caso subsista algum excedente após as pesadas puncções senhoriais, as/os camponesas/es fornecem-nos igualmente mercadorias em benefício próprio.

Numa economia reconhecidamente agrária, se a quantidade total de trabalho fosse 100, a parte agrícola seria, sem dúvida, na casa dos 90%; metade dela feminina. É essa base econômica que constitui o fundamento das realizações da sociedade medieval, entre elas as artísticas, e particularmente, aquelas que, a partir do século XI se erguem em imensos edifícios de pedra: castelos, mosteiros, muralhas e catedrais. Duby afirma, no comentário ao seu maravilhoso documentário filmado intitulado "O Tempo das Catedrais": "*É bem verdade que a vitalidade urbana provinha da vitalidade rural, que a vila ia buscar ao campo envolvente, matriz geradora, imigrantes, alimentos e as matérias-primas com que todas as suas oficinas laboravam. A fonte da fortuna burguesa achava-se aí, no meio dos campos. (...) Em todo caso, uma coisa é certa, é que o dinheiro, as incontáveis moedas que passaram de mão em mão para edificar as catedrais, havia, primeiro que tudo, sido ganho pelo esforço, pela canseira dos camponeses*."[62] A mudez das fontes escritas e até mesmo iconográficas a respeito da massa camponesa é tanto mais imperdoável, ou melhor eloqüente, como dizia Marc Bloch.

Atividades econômicas das mulheres na cidade

Um dos marcos mais prezados pela historiografia clássica sobre a Idade Média, é a expansão urbana, assinalando um chamado "Renascimento". A leitura historiográfica do fenômeno é sempre positiva, de acordo com a assunção que o ressurgimento da vida citadina (embora nunca fosse interrompida, ao contrário do que o termo deixaria supor e do que tantos manuais afirmam), significaria um afastamento da "barbárie" anterior (rural, obviamente!), e uma forma de reencontrar o saudoso modelo greco-romano de sociedade: civilizado porque citadino, não obstante o fato da Roma imperial, no seu auge, contar apenas 10% de população urbana.[63]

Antes de falar especificamente do papel das mulheres na construção das catedrais e outros afazeres artísticos, é bom sublinhar o quanto as mulheres eram ativas na vida econômica urbana. São empresárias e operárias/artesãs de alto a baixo da escala social. Talvez herdeiras da tradição germânica, em vez de romana, elas gozam de relativa autonomia e igualdade para com seus maridos.[64] Muitas vezes, elas são donas de seus próprios negócios, ou então criam parcerias com outras pessoas, não apenas com seus esposos ou irmãos.[65] Alice Clark sublinha que ainda faltam estudos detalhados, mas segundo registros de Oxford, York e outras cidades elas engajam nas mais diversas atividades, sendo as mais numerosas as empregadas domésticas, *ancillae* e as artesãs do têxtil. "*Em todos os casos, as mulheres levavam a cabo seu ofício de forma independente de seu marido, ou como viúvas*."[66]

---

[62] DUBY, Georges, *A Europa na Idade Média*, op. cit., p. 100.
[63] BROWN, Peter, *O Fim du Mundo Clássico de Marco Aurélio a Maomé*, Lisboa, Verbo, 1972. Ver também, do mesmo autor, "Antiguidade Tardia", in-ARIES, Philippe e DUBY, Georges, Org., *História da Vida Privada*, Vol.1 *Do Império Romano ao Ano Mil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 225-299.
[64] LE GOFF, Jacques, "Temps de l'église/temps marchand", Annales, ESC, mai-juin, 1960.
[65] CLARK, Alice, *Working life of Women in the 17th Century*, London [1918], Cass, 1968.
[66] Idem, p. 155.

A mesma autora enfatiza que o lar é, freqüentemente, a unidade de produção: "*Antes do avanço do capitalismo, os membros de uma corporação de ofício eram mestres, não de outras pessoas, mas de seu ofício. Sua oficina era parte de seu lar e nela, o mestre, que no decorrer de uma longa aprendizagem havia adquirido o domínio técnico na sua arte, trabalhava com aprendizes, um ou dois trabalhadores e sua esposa e filhos.*"[67] As mulheres de todas as idades podem participar da atividade produtiva com uma intensidade variada. As crianças ajudam o pai e a mãe desde muito pequenas. Há também contratos de aprendizagem, tanto para os meninos quanto para as meninas. Essas últimas ficam sob a autoridade da esposa do mestre, quando a oficina é mista, no local de trabalho. Os/as artesãos/ãs são obrigados/as a ensinar, além das artes do ofício, formação religiosa, rudimentos de instrução formal (leitura, cálculo, desenho) aos/às aprendizes, além de provê-los/las nas necessidades cotidianas. As atividades artesanais comportam inúmeras especialidades femininas, algumas sofisticadas, no ramo dos produtos de luxo. Nesses casos, a aprendizagem das futuras artesãs pode alcançar sete anos. Nas profissões menos especializadas, ele é geralmente de quatro anos.

No setor têxtil, as mulheres participam de todas as fases da preparação da matéria prima e no caso da lã, elas tosquiam os carneiros, cardam a lã, fiam, tecem, fazem o acabamento e retiram as irregularidades do tecido. A fiação é uma atividade exclusivamente feminina; isto é tão pronunciado que o termo "fiandeira", *spinster*, passou a significar celibatária. Aliás, muitos nomes de família atuais lembram nomes de profissões; em inglês e em francês as terminações "ster", "euse" ou "ière", respectivamente, são femininas e marcam, não apenas o tipo de atividade, como o sexo de seu titular.[68] A roca e os fusos são fáceis de transportar e as mulheres fiam assim que têm, por um instante, as mãos desocupadas, em meio a seus outros afazeres. Elas pegam e deixam essa tarefa a todo momento. A roda de fiar é uma invenção do século XIII; no século seguinte, ela é dotada de pedal. Houve resistências a seu uso, pois era uma inovação que ameaçava a situação das fiandeiras, as mais pobres entre as operárias. O fenômeno se reproduz a cada etapa das transformações técnicas. Quando, nos séculos subsequentes, a roda de fiar é tão comum que é objeto de doação do governo para ajudar as mulheres necessitadas,[69] outras maquinarias tornam-se suspeitas. Entre elas, a máquina de fiar, a famosa Jenny, o carro chefe da revolução industrial.[70]

Os estágios preliminares do trabalho têxtil são quase todos efetuados por mulheres, muitas vezes em combinação com trabalho agrícola.[71] Mas nas cidades das regiões consideradas mais "desenvolvidas", em Flandres e na Itália do Norte, onde a divisão do trabalho progride inclusive a nível internacional (lã inglesa, tecido flamengo, acabamentos lombardos) os efetivos de trabalhadores sofrem as primeiras etapas do processo secular de concentração da mão-de-obra em âmbitos urbanos. Os contingentes de operárias são particularmente numerosos na grande e moderna indústria têxtil, que se

---

[67] Idem, p. 156.

[68] Os romances de Jeanne Bourin colocam em cena as inúmeras especialidades profissionais onde as mulheres se ilustram. *La chambre des Dames*, Paris, Table Ronde, 1979. *Le jeu de la tentation*, Paris, Table Ronde, 1981. *Les pérégrines*, Paris, Table Ronde, *A bela dama*, São Paulo, Difel, 1983. *Le Grand Feu*, Paris, Paris, Table Ronde, 1985. *Les compagnons d'éternité*, Paris, Gallimard, 1992.

[69] As "rodas de fiar de caridade" (rouets de charité) de Colbert, no século XVII.

[70] Sua divulgação foi tão mais rápida que a demanda por fio crescia consideravelmente: ela substituiu não apenas os hóspedes das "Poor Houses" (na Inglaterra) ou Hospitais de Caridade (na França) modernos, mas os próprios recrutas, que, nos quartéis prussianos, foram obrigados a ajudar na produção nacional de fio que a mão-de-obra feminina não satisfazia mais. Retrospectivamente, isso dá uma medida da amplitude da produção doméstica anterior, de outra maneira oculta.

[71] BRAUNSTEIN, Philippe, "Artisans", in LE GOFF, Jacques et Jean-Claude Schmitt, *Dictionnaire raisonné de l'Occident médiéval*, op. cit., p. 69.

organiza segundo um modelo novo de exploração. Suas características distintas, com mercadores-fabricantes fornecendo a matéria prima, de um lado, e miseráveis trabalhadoras, do outro, levam alguns historiadores a qualificá-las de proletárias ou pré-proletárias.[72] Evoluindo no sentido implantado na Baixa Idade Média, esse modo de organização da produção seria conhecido, no século XVIII, como o sistema de *Fábrica*.[73] Essa fase antecede imediatamente a revolução industrial em termos do uso de máquinas, mas já apresenta outras características típicas: crescente divisão do trabalho, atingindo um grau de considerável parcelização, grande rotatividade de uma mão-de-obra recrutada fora dos quadros corporativos e miséria extrema da força de trabalho sobretudo feminina e infantil. Esses desdobramentos correspondem precisamente à expulsão progressiva dos membros femininos das profissões regulamentadas. O fenômeno é precoce na Inglaterra, onde se constata movimentos de trabalhadores contra o emprego de mão-de-obra feminina já no final do século XIII,[74] estimuladas pela sub-concorrência operária que essas trabalhadoras, fora dos quadros corporativos, exerce.

Se a fiação é feminina, a tecelagem pode ser também masculina, assim como pisoar o tecido[75] e tingí-lo (daí o apelido depreciativo de "unhas azuis"[76] dado aos operários flamengos que cujo espírito rebelde promove grandes revoltas). No entanto, a confecção, particularmente a *lingerie*, permanece domínio das mulheres. Todas as tarefas de costura e acabamento – como a colocação de botões, uma inovação medieval do início do século XIII – são também objeto de profissões regulamentadas e quadros organizativos. As alfaiatas, algibebes, calceiras, roupeiras, bureleiras e aljaveiras exercem suas diversas especialidades.[77] O "Livro dos Ofícios" lista seis delas como unicamente femininas. São as fiadoras de seda (de pequenos e grandes fusos), tecelãs de chapéus de seda, fazedoras de chapéus de sebasto, fazedoras de algibeiras sarracenas, isto é objetos de luxo; nessa categoria também as artesãs que trabalham com penas de pavão e as fiandeiras de ouro.

Muitas vezes, entre as camadas mais modestas, as mulheres têm duas ou mais atividades: elas são artesãs e comerciantes de alimentos ou de carvão, por exemplo. Com base em documentos tão sólidos quanto o *Livre des métiers* d'Etienne Boileau, de 1268, ou diversos registros fiscais de 1292, 1300 e 1313, pode se estabelecer um panorama das profissões exercidas regular e oficialmente por mulheres. Eileen Power lista açougueiras, fazedoras de velas, ferrageiras, incrustadeiras de filetes, sapateiras, luveiras, fabricantes de cintos, capelistas,[78] fabricantes de bolsas, chapeleiras, peleiras, encadernadoras, folheadoras a ouro, pintoras, tecelãs de seda, bordadeiras, vendedoras de especiarias, ferreiras e ourives entre outros.[79]

---

[72] HEERS, Jacques, *La ville au Moyen Age: Paysages, pouvoirs et conflits*, Paris, Fayard, 1990.

[73] GARDEN, Maurice, "Ouvriers et artisans au XVIII siècle. L'exemple lyonnais et les problèmes de classification" in *Revue d'Histoire Economique et Sociale*, l970, vol. 48, n° I, p. 30 e do mesmo autor, *Lyon et les Lyonnais au XVIII*, Lyon, thèse de doctorat d'Etat, l970 publicada em forma reduzida: Paris, Flammarion, 1975.

[74] POWER, Eileen, *Les femmes au Moyen Age*, op. cit., p. 75.

[75] A difusão do moinho favorece a pisoagem mecânica HODGETT, Gerald A.J., *História Social e Econômica da Idade Média*, Rio de Janeiro, Zahar, 1975, p. 176.

[76] Revoltados, eles derrotam os cavaleiros franceses na batalha de Courtrai, em 1302.

[77] Ver as miniaturas ilustrando o artigo de PIPONNIER Françoise, "O universo feminino: espaços e objectos", in DUBY, Georges e Michelle PERROT, *História das Mulheres, Vol. 2, A Idade Média*, op. cit., particularmente p. 447, 456 e 457; assim como o de Chiara Frugoni, "A mulher nas imagens, a mulher imaginada" no mesmo livro, p.464, 490, 491.

[78] Vendedora de aviamentos.

[79] POWER, Eileen, *Les femmes au Moyen Age*, op. cit., p. 75.

Em "*Etude sur l'industrie et la classe industrielle à Paris, aux XII et XIV siècles*", Fagniez cita, ao todo, 321 profissões entre as quais 108 são acessíveis às mulheres, 80 de mulheres e 5 exclusivas (proibidas aos homens). Em Frankfurt, entre 1320 e 1500, há 65 profissões apenas para mulheres, 38 que ocupam tantos homens quanto mulheres, e 81 mistas de maioria masculina. A organização dessas profissões obedece exatamente às mesmas regras e normas organizativas, sejam elas de homens, mistas ou de mulheres. Até mesmo os tribunais que lidam com assuntos trabalhistas, são, nesse caso, compostos por mulheres-juizes: as *prudes-femmes*[80] (na França). Como seus equivalentes masculinos (que existem até hoje), os *prudhommes*, elas são nomeadas para zelar pela preservação dos costumes no trabalho e a qualidade da mercadoria produzida ou vendida, ou do serviço prestado. Elas têm os mesmos poderes judiciais que seus confrades.[81] Com efeito, tudo no âmbito profissional é estritamente balizado, normatizado e controlado, tanto no que diz respeito à produção (qualidade, preço, tamanhos etc.) quanto aos produtores/ras: quem pode exercer a profissão (qualificação, idade, sexo, registro etc.) horários, condições de trabalho, feriados, remuneração etc. Tipicamente, no estatuto das fazedoras de *lingerie*, de 1485, exige-se boa moralidade, além das competências técnicas.

Entre as 150 profissões, exercidas por mulheres, que aparecem nos registros fiscais, notam-se as de professora, médica, boticária. Oficiam também para o bem estar físico, as barbeiras cuja profissão como a dos barbeiros é, de fato, paramédica. Há também, obviamente, cabeleireiras e atendentes de banhos públicos, pois, contrariamente a muitos preconceitos herdados das (fedorentas) Luzes, a higiene (urbana) medieval é muito maior do que nos séculos subsequentes. Fornecem-se banhos a domicílio ou em casas públicas. Essas empregam muitas mulheres. A fama desses estabelecimentos provoca, às vezes, as mesmas reclamações indignadas que os prostíbulos, cujas propriedade pode ser de "abadessas de bordel" ou de senhoras (ou senhores) honestas e até mesmo nobres, como o mencionam documentos oficiais citados por Leah Otis.[82] Todas são contribuintes.

Pagam também impostos as gesseiras, tintureiras, pintoras, copistas,[83] miniaturistas,[84] capelistas, donas e atendentes de albergue. A iconografia revela também mulheres nas artes picturais, ou mesmo escultoras; algumas têm homens por ajudantes. Por outro lado, são mencionadas profissões bastante inesperadas, particularmente as que dizem respeito ao trabalho dos metais: fazedoras de capacete, de agulhas e facas, de caldeirões, ferraduras de cavalo, tesouras, fechaduras, peças diversas das armaduras, potes de estanho, escudos. O trabalho de metais preciosos também é uma área que emprega mulheres, de forma mais condizente com as expectativas modernas. Pois, nesse caso, a metalurgia se aproxima estreitamente da produção de objetos de luxo para o vestuário de ambos os sexos, bem como de relicários e objetos de culto que concentram boa parte da riqueza das classes dominantes à procura de salvação eterna. Assim,

---

[80] *Prudhommes* e *prudes femmes* são membros de conselhos eleitos que julgam as pendências profissionais. O sentido de "prude", no caso, é, ao mesmo tempo, o de honesto e perito (*Petit Robert*, Paris, Le Robert, 1972, p. 1418.

[81] PERNOUD, Régine, *La femme au temps des cathédrales*, op. cit., p. 252.

[82] OTIS, Leah L. *Prostitution in medieval society*. *The History of an Urban Institution in Languedoc*, Chicago, Chicago UP, 1987, p. 54. Ver a esse respeito também o livro de ROSSIAUD, Jacques, *La prostitution médiévale*, Paris, Flammarion, 1988.

[83] FRUGONI, Chiara, "A mulher nas imagens, a mulher imaginada", in DUBY, Georges e Michelle PERROT, *História das Mulheres*, Vol. II *A Idade Média*, op. cit., p. 496 e 497.

[84] A miniaturista Claricia se representa na inicial Q de um psaltário, assim como a copista Guda. Ver reprodução in idem, p. 496 e 508 respectivamente.

mulheres tratam pedras preciosas, são ourives e "talhadoras de ouro". Muitas vezes, são esposas (ou viúvas) e filhas de mestres nessas artes, cujos privilégios seriam preservados até a abolição do sistema corporativista.

Que a alimentação seja um domínio onde muitas mulheres desenvolvem suas atividades profissionais não deve surpreender, pois suscitam ocupações muito próximas das obrigações familiares para produzir, armazenar, conservar e gerir as reservas de comida. São listadas açougueiras, fazedoras de salsichas de sangue, padeiras (em Périgueux, essa atividade é exclusivamente feminina), fabricantes de biscoitos, de bolinhos, queijeiras e leiteiras; criadoras e vendedoras de aves. Mulheres vendem também peixes, frutas e legumes; elas aproveitam os interstícios não regulamentados, particularmente na Inglaterra, onde, como foi visto, o quadro corporativista não é muito acolhedor. Entre as mais pobres, encontram-se as vendedoras de especiarias; entre as mais ricas, as taberneiras, hoteleiras, bufeteiras (que servem vinho no balcão). Na Inglaterra, a fabricação da cerveja é quase exclusivamente uma atividade feminina. Mulheres são fabricantes de velas e, obviamente, lavadeiras[85] (com especialidades diversas) bem como camareiras. Em Troyes, existem mensageiras. Há mulheres usurárias, banqueiras, cruzadas e uma espiã contra a Inglaterra.[86] Os registros fiscais ingleses, por suas vez, mencionam muitas viúvas que continuam as funções de seu finado marido, como grandes empresárias têxteis ou mesmo assumindo cargos oficiais como "*responsáveis pelas receitas da alfândega, em diversos portos*".[87] As viúvas sustentando sozinhas seu filhos são numerosas entre os trabalhadores urbanos. Aquelas que estão em melhor posição econômica, viúvas de artesãos-mestres e comerciantes, continuam os negócios do finado marido com as exatas mesmas prerrogativas, inclusive nas corporações[88] masculinas. Um dos exemplos mais conhecidos é o de Rose de Burford, na Londres do século XIII, citado por Elaine Power.[89]

É preciso enfatizar o papel das mulheres na medicina, ramo de atividade do qual elas seriam, em breve, excluídas. O exercício oficial dessa arte seria reconquistado apenas no final do século XIX, para as pioneiras e, mais geralmente, ao longo do século XX. Na época medieval existem corriqueiramente médicos e médicas. Os hospitais empregam ambos, e os mosteiros femininos e masculinos mantêm dispensários e farmácias, abrigando inúmeros especialistas do respectivos sexos que tratam a população. Médicas e cirurgiães atuam neles, bem como em casas de saúde urbanas. Em grande número, as parteiras auxiliam tanto médicos como médicas; todas têm, igualmente, vastos conhecimentos de farmácia, que, transformados em contos demoníacos, forneceriam à Inquisição a base de inúmeras acusações de bruxaria contra elas. Nomes, como Trotula de Salerno, ecoam amplamente no século XI. Embora as informações a seu respeito sejam controversas, alguns autores a descrevem como ensinando a medicina na escola dessa cidade, uma das mais famosas da época, pois está sob influência da medicina islâmica, de longe a mais adiantada de então. Estudantes de

---

[85] Obviamente, todas as mulheres, excepto a pequena minoria da alta nobreza, cuidam dessa tarefa; como Duby o evoca a respeito da futura esposa de Guilherme o Conquistador: "*Perto de uma fonte, com outras lavadeiras, ela branqueava a roupa de casa. Trabalho de mulher, de «filha de burguês.»*" DUBY, Georges, *Lembranças das ancestrais*, São Paulo, Cia das Letras, 1997, p. 90.
[86] PERNOUD, Régine, *La femme au temps des cathédrales*, op. cit., p.260.
[87] POWER, Eileen, *Les femmes au Moyen Age*, op. cit., p. 71.
[88] Na época medieval, os termos utilizados são "mesteres", "confrarias", "guildas" ou "artes"; mais um exemplo de anacronismo na nomenclatura, tão freqüente para o período: a palavra corporação é do século XVI em inglês, mais tardia em francês. Será utilizada aqui, apenas para englobar todas essas outras denominações, mais limitadas em termos de abrangência geográfica.
[89] POWER, Eileen, *Les femmes au Moyen Age*, op. cit., p. 69.

medicina islâmicas e judias[90] podem adquirir, na ala feminina dos hospitais-escolas muçulmanos, conhecimentos detalhados de clínica, cirurgia, mas também medicina preventiva. Pois, em Bagdá, a pesquisa médica é muito desenvolvida e mulheres ginecologistas e obstetras "*podem praticar embriotomias*".[91] A obra mestre de Trotula *Passionibus Mulierum Curandorum*, que trata justamente de ginecologia e obstetrícia, conhece fama duradoura no ocidente. A autora procura, entre seus principais objetivos, aliviar as dores do parto, contrariando seculares preceitos da Igreja cristã.[92] Esses persistiriam até a segunda metade do século XX, quando seria finalmente vencida a oposição vaticana ao método de respirações controladas para o chamado "parto sem dor". Na medicina popular da época medieval, as curandeiras atendem a todos os males, continuando tradições antigas, particularmente célticas e germânicas, de fitoterapia.

As cortes empregam mulheres para cuidarem da saúde dos poderosos. No século XIII, Luís IX da França (São Luís) e sua esposa Marguerite de Provence embarcam para as cruzadas com sua médica, Hersent. A rainha da Inglaterra, esposa do poderoso Eduardo III, Philippa de Hainault, é atendida por Cecília de York, considerada uma das maiores profissionais da época. Mas, Jacoba Félicie é indiciada, em 1322, por contravenção ao novo estatuto que reserva o exercício da medicina apenas aos formados pela Universidade.[93] Como essa recente instituição foi criada, expressamente, para um alunado masculino, as mulheres se vêem excluídas de uma arte na qual eram secular e reconhecidamente competentes. A surpresa e por vezes indignação é manifesta. Basta constatar o número e a qualidade dos testemunhos que foram depor em favor da médica, cuja competência, aliás, nunca fora questionada.[94] É notável que, na mesma época, são expulsos os judeus, inclusive seus famosos médicos cuja perícia era tão estimada e procurada. O que está em causa não é o profissionalismo dos médicos – mulheres ou judeus de ambos os sexos – mas as regras de exclusão implantadas pela Igreja por razões doutrinárias.

Incentivada pelas reiteradas petições dos médicos detentores de títulos universitários, a expulsão das mulheres da Medicina continua durante o século XIV, em todo o continente. Ela faz parte do Renascimento, tanto quanto a caça às bruxas e parece, de certo modo, complementá-la. Se a proibição do exercício da Medicina para aqueles/as que não são diplomados pelas universidades coíbe as médicas eruditas, a Inquisição ataca todas as praticantes das tradições médicas populares.[95] As conseqüências desse monopólio masculino sobre a Medicina estende-se obviamente ao discurso. Demonizando tudo que é feminino, "*os escritos sobre o corpo são, mais do que nunca, impregnados de masculinismo, pois todo o saber passou às mãos dos homens*."[96] A título de exemplo apenas, no terceiro livro de sua "Prática", o médico Arnauld de Villeneuve escreve; "*Cuidarei aqui, com a ajuda de Deus, daquilo que diz respeito às mulheres; e, como na maior parte do tempo as mulheres são feras maldosas,*

[90] Algumas são famosas como Sara de Wurzburg. POLIAKOV, Léon, *De Cristo aos judeus da corte. História do Anti-semitismo*, op. cit., p. 129.
[91] KNIBIEHLER, Yvonne et FOUQUET, Catherine, *La femme et les médecins*, Paris, Hachette, 1983, p. 51.
[92] Ver, para maiores detalhes, BROOKE, Elisabeth, *Women Healers. Portraits of Herbalists, Physicians, and Midwives*, Healing Arts Press, Rochester, Vermont, 1995.
[93] EHRENREICH, Barbara & Deirdre ENGLISH, *Witches, Midwives, and Nurses. A History of Women Healers*, Old Westbury, Ferminist Press, 1974, p. 16.
[94] Ver a miniatura do século XIV, representando "Mulheres praticando uma cesariana" que ilustra o artigo de Chiara Frugoni, "A mulher nas imagens, a mulher imaginada", in DUBY, Georges e Michelle PERROT, *História das Mulheres*, Vol. II *A Idade Média*, op. cit., p. 489.
[95] Ver a bela miniatura do século XV, comentada por Chiara Frugoni, idem, p. 494.
[96] KNIBIEHLER, Yvonne et FOUQUET, Catherine, *La femme et les médecins*, op. cit., p. 56.

tratarei em seguida da mordida de animais venenosos."[97] Apenas as parteiras são toleradas sob estrita vigilância e quase desconfiança do corpo médico. Sua formação por aprendizagem, muitas vezes de mãe para filha, continuaria como único âmbito profissional entreaberto à participação feminina na área médica, além da enfermagem (por muito tempo domínio de ordens religiosas), até a segunda metade do século XIX.[98]

Outro campo que a universidade monopoliza em proveito dos homens é o Direito. As mulheres não podem ser advogadas. Isso corresponde, novamente, a um "Renascimento", tanto mais perigoso e danoso para as mulheres e os pobres que o Direito Romano, escrito, tende a prevalecer cada vez mais sobre o direito germânico e céltico, consuetudinários. Em boa parte, redescoberta, graças ao contato com os "infiéis" muçulmanos, a tradição antiga é revigorada e aproveitada pela Igreja, tanto no campo eclesiástico, inspirando o Direito canônico, quanto no domínio das aplicações laicas. Isso significa que, mais uma vez, um dos critérios de "avanço" histórico, isto é, a "volta" ao modelo antigo, corresponde, de fato, a um rebaixamento na condição feminina e uma exclusão das mulheres de áreas importantes e prestigiosas da sociedade.[99]

As escravas

Na população urbana, há também escravos, 90% deles de sexo feminino, particularmente na região mediterrânea.[100] Elas trabalham até 18 horas por dia e efetuam essencialmente tarefas domésticas, além de contribuir para a incessante atividade têxtil que ocupa boa parte do tempo de toda a população feminina. O preço de compra de uma escrava é menor de que seis anos de salário de uma doméstica. Portanto, é um investimento rentável. Em termos de classe, a posse de uma escrava representa um fator de prestígio para as matronas da boa sociedade. Entre os indícios mais evidentes da miséria física e social dessas trabalhadoras, estima-se que pelo menos um terço das crianças abandonadas florentinas são filhos de escravas. Os abusos, sexuais e outros, as vitimam tanto quanto as jovens camponesas que nenhuma regra de cortesia protege do assédio dos senhores e de seus prepostos.

De forma geral, além das escravas importadas numa lucrativa troca de "mercadorias" humanas com o mundo islâmico, as mulheres sem família para amparálas são as mais vulneráveis. Entre elas, no meio urbano desprovido das redes de solidariedade do campo, as mais vulneráveis são as viúvas com ou mesmo sem filhos.

A Independência econômica: Fechamento e degradação

Obviamente, como disse Georges Duby, não existe igualdade completa entre homens e mulheres, sobretudo para as casadas. Isso leva muitas das senhoras mais ricas, sobretudo entre as aristocratas, a evitarem o casamento para preservar sua independência. Optando por um celibato moralmente louvável, segundo os padrões religiosos católicos, elas têm oficialmente mais chances de alcançar o paraíso. Mas também "*elas podiam controlar a própria riqueza, viajar livremente pelo mundo inteiro como "santas peregrinas", dedicar-se a buscas intelectuais, e fundar instituições que elas mesmas dirigiam*". Essa tendência, manifestas desde a Alta Idade

[97] Idem, p. 57.
[98] CLARK, Alice, *Working life of Women in the 17th Century*, op. cit., p. 244 e 270.
[99] Leah Otis nota a mesma evolução no caso da prostituição: "Uma atitude inicial de tolerância evoluiu numa política de institucionalização, no final da Idade Média, para ser substituída no século XVI por uma repressão ativa da prostituição." OTIS, Leah L. *Prostitution in Medieval Society*. op. cit., p. 12.
[100] HEERS, Jacques, *Escravos e domésticos na Idade Média*, São Paulo, Difel, 1983.

Média, como o sublinha Elaine Pagels,[101] persiste apesar das pressões familiais para não dizer clánicas que a Igreja se vê obrigada a apoiar,[102] apesar do dilema teórico que as recalcitrantes constituem para as autoridades eclesiásticas. Vantagens comparáveis são garantidas à viúvas. A Magna Carta, de 1215, proíbe terminantemente ao rei de coagir virgens e viúvas a casarem. Mas os interesses das mulheres, mesmo casadas, enquanto indivíduos são ainda muito bem defendidos. Elas herdam e dispõem de suas heranças; com a morte do marido, recebem a metade dos bens do finado a título de arras. Elas são também responsáveis de seus atos econômicos e, em muitas cidades européias, "*era previsto no sistema jurídico, o caso da esposa trabalhar sem seu marido.(...)* [Ele] *não poderia ser considerado responsável pelas dívidas que ela contrair*."[103] É o predomínio cada vez mais forte do Direito romano que causa uma degradação crescente do lugar ocupado pelas mulheres.[104]

Muitos direitos são ainda preservados para as mulheres mesmo casadas. Elas podem agir por conta própria, abrir um negócio, firmar contratos, emprestar e tomar dinheiro emprestado, contratar prestação de serviços etc. sem a aprovação de seu marido. Todas essas capacidades serão perdidas, por exemplo na França, com a Revolução Francesa. Mais um paradoxo a ser explorado. O código Napoleão só seria corrigido, a esse respeito, no final do século XX. A obra de Jane Austen, tão em voga atualmente, é guiada tematicamente pela mesma impotência econômica das mulheres, inclusive nas famílias abastadas do império britânico. Voltando à Idade Média, Régine Pernoud ilustra essas capacidades econômicas e jurídicas em via de serem perdidas: Marie Valence se associa a Bernard Ambulet para montar uma venda abastecendo os marinheiros e peregrinos nas Ilhas Ratonneau, Pommègue e If, na baia de Marselha, enquanto que outra habitante dessa metrópole mediterrânea, Marie Nasdevaca, é designada simplesmente como "*cidadão de Marselha*" num contrato.[105] Da época das Luzes até os últimos decênios, séculos grandiloqüentes na afirmação de Direitos Naturais, Direitos Humanos, e proclamações diversas de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, abolição da escravidão e concessão do direito de voto aos antigos escravos (homens), as mulheres não gozariam do mesmo controle econômico-legal de seus próprios bens e atividades.

Na Baixa Idade Média, enfatiza Jacques Le Goff, assiste-se a um fechamento corporativista.[106] Muitas vezes, as corporações femininas não conseguiram ressurgir dos desastres cumulados da Peste Negra e de guerras devastadoras entre as quais a famosa querela franco-inglesa etiquetada, no século XIX, como Guerra de Cem Anos. Os salários femininos despencam: entre os séculos XIV e XVI, eles passam, globalmente, de um terço para menos da metade dos salários masculinos. Essa proporção se manteria por muito séculos.[107] "*De fato, no final da Idade Média verifica-se, sobretudo nos regulamentos corporativos, uma crescente hostilidade para com as mulheres, uma repressão e boicote ao trabalho feminino independente, que já se delineava em muitos locais no início do século XV nos conflitos entre companheiros e raparigas aprendizes,*

[101] PAGELS, Elaine, *Adão, Eva e a Serpente*, Petrópolis, Rocco, 1992, p. 126.
[102] Ver o artigo de Paulette L'Hermite-Leclerc, , "A ordem feudal (séculos XI-XII) ", in DUBY, Georges e Michelle PERROT, *História das Mulheres*, Vol. II *A Idade Média*, op. cit., p. 273-330. Ver também a famosa história de Santa Radagunda, rainha dos francos, evocada por Gregório de Tours na sua História dos Francos.
[103] POWER, Eileen, *Les femmes au Moyen Age*, op. cit, p. 74.
[104] PERNOUD, Régine, *La femme au temps des cathédrales*, op. cit, p. 99.
[105] Idem, p. 258.
[106] LE GOFF, Jacques, "Temps de l'église/temps marchand", *Annales*, ESC, mai-juin 1960.
[107] SULLEROT, Evelyne, *Histoire et sociologie du travail féminin*, op cit.

entre artesãos instruídos e jornaleiras ou criadas com pouca formação, entre mestres organizados em corporação e artesãs não organizadas", conclui Claudia Opitz.[108] Em 1593, o Edito Lemaître proíbe as mulheres de ocuparem funções estatais na França. Em seguida, é limitado o seu direito de entrar com uma ação na Justiça; só podem prosseguir com a autorização do marido, e assim por diante. Na mesma esteira, aparecem proibições quanto ao emprego de mulheres nas corporações mistas, a não ser esposas e filhas de mestres.

Essa tendência seria ampliada nos séculos seguintes, numa expulsão crescente das mulheres dos quadros profissionais reconhecidos. As operárias são também acusadas de causar o desemprego masculino, como entre os tecelões de Bristol, em 1461.[109] Essa linha de argumentação conheceria um sucesso secular ininterrupto. Evelyne Sullerot sublinha que a deterioração do papel econômico das mulheres corresponde a uma perda de poder em termos políticos, na França, por exemplo, onde é imposta a sucessão ao trono em linha apenas masculina.

No entanto, apesar do progressivo avanço de limitações, que lembram as leis anti-semitas ou de apartheid, ainda se encontram, nos arquivos, muitos documentos jurídicos, contratos, promissórias etc. assinados por mulheres, e por mulheres e homens juntos, geralmente esposos e irmãos.[110] As mais pobres entre elas, operárias têxteis empregadas sazonalmente, participam ativamente das grandes revoltas urbanas do fim da Idade Média. Todavia, as mulheres são geralmente afastadas das novas instituições comunais que se firmam então absorvendo representantes masculinos da burguesia. Por que a nova classe ascendente, a burguesia, que lutava por representação política e liberdades econômicas, contra as tradições feudais e corporativas, excluiu as mulheres de qualquer participação? Um projeto capitalista fundamentalmente misógino? De qualquer modo, retomando a pergunta de Joan Kelly, parece que o "Renascimento", para as mulheres, correspondeu mais a um declínio.

O Poder

Pelas estruturas feudais de poder, os senhores têm sua participação na vida econômica e política definida pela linhagem, o tamanho feudo, o prestígio e o sucesso político. Seu sexo ou sua qualidade laica ou eclesiástica é secundária. Os poderes senhoriais se estendem a territórios que variam de um domínio, uma castelania ou um mosteiro até compreender províncias inteiras ou mesmo reinos. As mulheres exercem corriqueiramente esses poderes seculares. As prerrogativas que exercem como *dominae* feudais enquadram-se no sistema da vassalagem: receber e prestar homenagem (sem *osculum* nem precisar tirar o chapéu, como para os eclesiásticos de ambos os sexos); dotar seus vassalos de investidura, dar e retirar feudos etc.[111] Prática tradicionais tão fortes que são transportadas, com os exércitos cruzados, para a Terra Santa, onde condessas e rainhas transmitem a seus consortes e filhos os poderes que lhes cabem por herança pessoal.[112] Por várias gerações as pessoas investidas da legitimidade são mulheres. Apenas sua conquista, em termos matrimoniais, garante aos homens o acesso

[108] OPITZ, Claudia, "O quotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500) in DUBY, Georges e Michelle PERROT, *História das Mulheres*, Vol. II *A Idade Média*, op. cit., p. 406-7.
[109] POWER, Eileen, *Les femmes au Moyen Age*, op. cit., p.75
[110] CLARK, Alice, *Working life of Women in the 17th Century*, op. cit.
[111] GANSHOF, F.L., *Que é o Feudalismo?* Publ. Europa/America, 1968.
[112] HEERS, Jacques, *Libérer Jérusalem: la première croisade*, Paris, Perrin, 1995. PERNOUD, Régine, *La femme au temps des croisades*, op. cit.. OLDENBOURG, Zoé, *As Cruzadas*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968. Ver também a obra monumental de RUNCIMAN, Steven, *História das cruzadas*, Lisboa, Horizonte, 1993, 3 vol.

aos títulos mais prestigiosos, inclusive a coroa de Jerusalém. Mesmo o poderoso e destemido imperador Frederico II submeteu-se ao costume acrescentando o título mais cobiçado somente após seu casamento com a rainha de Jerusalém, Maria, que o tinha de sua mãe. A força dessa tradição, num mundo masculino e guerreiro, remete talvez à linha explicativa dos "ventres de soberania" ensaiada por Michel Rouche a respeito de Clotilde.[113]

Entre as soberanas, Hedwige tem toda a Bretanha 1008-34 e Alienor da Aquitânia vê sua mão disputada por dois reis em virtude de seu ducado, entre os mais ricos e "desenvolvidos" diríamos hoje. No Hainault, na Champagne, no Império germânico, na Rússia, em Bizâncio ou mesmo na França, elas governam também e com competência, por tempos consideráveis, em nome de seus filhos, como Branca de Castelha, neta de Alienor, durante a toda minoria de São Luís. Le Goff a descreve assim: "*Forte, corajosa, autoritária, ela enfrentou tudo e triunfou*."[114]

São inúmeros os casos em que mulheres administram temporariamente, em nome de seu marido ou filho, domínios que vão do menor dos feudos ou de uma fazenda até o império. Algumas se destacarão na história; basta citar, como exemplo, a filha de Guilherme o Conquistador, Adélia, que conhecemos mais intimamente em razão das cartas trocadas com seu esposo cruzado, Etienne de Blois. Numa delas, ele lhe recomenda para "*bem cuidar das terras, fazer seu dever em relação aos vassais dela.*"[115] A honra familiar é tão cara à condessa, e sua autoridade tão forte que ela manda seu marido de volta à cruzada que havia abandonada no cerco a Antioquia por considerar a situação desesperadora. Culta, amiga de Yves de Chartres, seu conselheiro, Adélia protege poetas, inclusive damas letradas como sua própria irmã Cecília, abadessa de Caen. Emma, outra abadessa, Constância e Muriel. Entre seus admiradores, prolixos no elogio de sua beleza e constância, Baudri de Bourgueil, abade, futuro bispo de Dol, e Huges de Fleury-sur-Loire, que lhe dedica sua "História Ecclesiastica" (1109), afirmando: "*Longe de ser o sexo feminino privado da inteligência das coisas, existe geralmente nas mulheres uma grande engenhosidade de espírito e uma elegância de maneiras verdadeiramente notáveis*."[116] Uma voz que soa como música aos ouvidos femininos, apaziguando ânimos – mesmo estudiosos – arrefeçados frente à misoginia aguda dos mais reverenciados clérigos.

Mulheres participam, conforme seu estatuto, das decisões que iniciam e concluem guerras. Em situações de perigo, sua coragem conta, diz Duby, entre "*as qualidades que fazem a "honra" das damas. Celebram-se com predileção sua força, sua constância*."[117] Senhoras estão presentes nas investidas militares, embora, como os clérigos, elas empregam normalmente capitães para representá-las no comando das operações. Contudo, mais belicosa ainda que sua contemporânea Alienor da Aquitânia, Hermengarda de Narbona encabeça seu ost ou exército feudal pessoalmente.[118] Philippa de Hainaut, rainha da Inglaterra, luta na Escócia onde seus exércitos derrotam David Bruce (1346) na ausência de seus marido e filhos, ocupados a esmagar os franceses em

[113] ROUCHE, Michel, *Clovis*, Paris, Fayard, 1996.
[114] LE GOFF, Jacques, *São Luís*, Rio de Janeiro, Record, 1999, p. 631.
[115] PERNOUD, Régine, *La femme au temps des cathédrales*, op. cit., p. 272.
[116] Idem, p. 279.
[117] DUBY, Georges, "La femme, l'amour et le chevalier", in DUBY, Georges, Ed., *Amour et sexualité en Occident*, Paris, Seuil, 1991, p. 210. *Sexualidades ocidentais*, São Paulo, Brasiliense, 1986.
[118] BARTHÉLÉMY, Dominique, "Parentesco" in ARIES, Philippe e DUBY, Georges, Org., *História da Vida Privada*, Vol. 2 *Da Europa feudal à Renascença*, op. cit., p. 144. Pierre Samuel ilustra a presença de heroínas nos romances de cavalaria. *Amazones, guerrières et gaillardes*, Paris, Complexe, 1975, p.182.

Crécy. Nessa ocasião, ela permanece pessoalmente no campo de batalha e lança uma nova moda de chapéus com forma de capacete, pois empenhou sua coroa para financiar a expedição. Alienor resgata o famoso cavaleiro Guilherme Marechal, parangão das qualidades masculinas.[119] Philippa de Hainaut compra a liberdade de Bertrand Duguesclin, brilhante capitão bretão a serviço do rei da França, portanto inimigo, que reorganizou os exércitos franceses, "*porque*" disse ela, "*um cavaleiro, conhecido por apoiar as mulheres, merece meu apoio, mesmo sendo inimigo de meu marido.*"[120] Nas suas famosas crônicas, Froissart a menciona, junto com seu marido, entre os modelos históricos de "Proeza", após Carlos Magno. Joana de Flandres conduz um combate naval[121] e Joana d'Arc, a mais humilde e famosa, tem uma carreira propriamente militar que seria impossível nos séculos seguintes, quaisquer que sejam suas reais competências táticas.

Em brigas legais, contra outros senhores feudais, as mulheres têm seus direitos de justiça garantidos: Eleonor, castelã de Beauvais, por exemplo, luta contra o bispo e leva o caso ao Parlamento. Hermengarde de Narbona ganha uma causa contra o próprio rei, Luís VII da França. Mahaut, Condessa de Artois é famosa, no final do século XIII por suas incessantes contendas judiciais.

As abadessas nomeiam curas, reúnem sínodos A influência política das mulheres atinge o maior reduto masculino, o clero secular, inclusive o papado no início da Reforma Gregoriana. Pois, desde a época de São Jerônimo e até Gregório VII - que dá seu nome à grande mudança na concepção do papado - mulheres ricas e nobres haviam promovido membros notáveis da Igreja. Paradoxalmente é "*o patrocínio enérgico*", nas palavras de Susan Stuard,[122] de mulheres como Agnès, esposa do imperador Henrique III e regente do império (enquanto mãe de Henrique IV), que permitem, no século XI, o início de um movimento de reforma finalmente nefasto para as mulheres, privando-as da influência que suas ancestrais exerciam.

Fervorosa cluniacense, a imperatriz mantém uma amizade espiritual com Pedro Damião, clérigo de grande prestígio que pregou a reforma da igreja, recebendo dele cartas cujo tom lembra o amor cortês.[123] Mathilda, condessa de Toscana e sua mãe Beatriz, apoiam diretamente Gregório VII, inclusive militarmente. Embora laicas, elas atendem mesmo sínodos. Tanto assim que, em Worms, os prelados alemães rebeldes à autoridade romana, denunciam que a Igreja "*caiu nas mãos de um senado de mulheres.*"[124] A fidelidade dessas senhoras é decisiva politicamente durante a famosa querela das investiduras. Canossa, teatro da tão famosa penitência imperial, no inverno de 1077, é uma fortaleza da condessa Mathilda onde o papa se refugiou, assediado pelos exércitos de Henrique IV. Ela consegue, graças a sua influência junto a seus vizinhos, que a Itália se alie ao papa contra o imperador. Muito culta, ela havia sido pedida em casamento pelo imperador bizantino Alexis. Em1089, aos 46 anos, ela aceita casar com

---

[119] DUBY, Georges, *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*, Rio de Janeiro, Graal, 1987

[120] Citado in DAVIS, Gould, Elizabeth, *Am Anfang war die Frau*, Frankfurt/Main, Ullstein, [1971] 1987, p.280

[121] Idem, p. 203. Esse autor sublinha que, na Irlanda, foi preciso uma lei, promulgada pelo Concílio de Tara, em 697, para excluir as mulheres dos exércitos.

[122] STUARD, Susan, "The Dominion of Gender: Women's Fortunes in the High Middle Ages", in in BRIDENTHAL, Renate, KOONZ, Claudia & STUARD, Susan, *Becoming Visible. Women in European History*, op. cit., p. 159.

[123] PERNOUD, Régine, *La femme au temps des cathédrales*, op. cit., p. 302. Outro exemplo fascinante, é o de São Bernardo, escrevendo para Ermengarda da Bretanha, no mesmo tom. Ver DALARUN, Jacques, *Amor e Celibato na Igreja Medieval*, op. cit., p. 96-7.

[124] PERNOUD, Régine, *La femme au temps des cathédrales*, op. cit., p. 304.

Welf da Bavária, de 17 anos, a título de desafio político ao imperador Henrique IV,[125] que ela derrota militarmente. Ela deixa toda a sua rica herança senhorial ao papado "*providenciando-o com uma base substancial de poder territorial*".[126]

Na Champagne, estudada por Théodor Evergates entre 1152-1284, de um total de 279 possuidores de feudos, há 104 senhores, 48 damas e 10 senhoritas (os demais são escudeiros ou outros representantes de linhagens). As herdeiras e seus casamentos são objetos de todos os cuidados e lutas de influência, exatamente em virtude dos direitos que elas detêm. Frente a um renovado poder real a caminho do absolutismo, a Magna Carta, acima mencionada, documento fundador do sistema representativo inglês, é também um marco de resistência da nobreza rebelde que reafirma suas prerrogativas. Nesse âmbito, o documento estipula limites expressos do poder real quanto às alianças matrimoniais.[127]

A presença figurada das detentoras de títulos e *apanagens* é freqüente nas árvores genealógicas estudadas por Christiane Klapisch-Zuber, apesar da regra de patrilinearidade.[128] A forma como é valorizada a linha materna, ao lado da paterna, é tão enfática que Dominique Barthélémy é levado a qualificar essa prática de "*desvio matrilinear na via real da ancestralidade*."[129] No segundo volume de sua trilogia "*As Damas do século XII*" intitulada "A lembrança das ancestrais", Duby ilustra, na parte "O Poder das Damas",[130] a importância da ascendência materna e as políticas hipergâmicas reveladas nas árvores genealógicas e comentários louvadores de escribas a exemplo de Judith, neta de Carlos Magno, "*ancestral fundadora*" das casas de Flandres, Anjou e Amboise.

Esses exemplos ilustres não são exceções: as mulheres votam como os homens nas assembléias rurais e urbanas.[131] Geralmente, um voto é dado por lar e é o pai de família que exerce esse direito. Mas a questão importante é ser proprietário, não o sexo. Portanto as mulheres preenchem corriqueiramente esse papel, particularmente as viúvas. Contudo, nas florescentes administrações urbanas elas não ocupam os cargos de destaque. Não há palavra feminina para prefeito, cônsul etc. Andrée Lehman mostrou, entretanto uma presença atuante nas pequenas comunidades: em Nantes, em Garchy na Champagne, onde se contam 32 viúvas nos 193 habitantes.[132] Em Bigorre, no século XI, o sistema de gestão da coisa pública conhece um sistema que se aproxima do sufrágio universal. Até os famosos Estados Gerais, instituição fundadora da administração pública moderna na França, contam com presença feminina. É o caso até mesmo na

---

[125] Idem, p. 307.
[126] STUARD, Susan, "The Dominion of Gender: Women's Fortunes in the High Middle Ages", in BRIDENTHAL, Renate, KOONZ, Claudia & STUARD, Susan, *Becoming Visible. Women in European History*, op. cit., p. 159.
[127] In DAVIS, C.R.C., *Magna Carta*, The Trustees os the British Museum, 1963, pp.16-25, citado in ESPINOZA, Fernanda, *Antologia de textos históricos medievais*, Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1972, p. 326.
[128] KLAPISCH ZUBER, *L'Ombre des ancêtres*. *Essai sur l'imaginaire médiéval de la parenté*, Paris, Fayard, 2.000. Ver também os diversos exemplos citados por Dominique Barthélémy, "Parentesco" in ARIES, Philippe e DUBY, Georges, Org., *História da Vida Privada*, Vol. 2 *Da Europa feudal à Renascença*, op. cit., p. 112, 113, 114 etc.
[129] BARTHÉLÉMY, Dominique, "Parentesco" in ARIES, Philippe e DUBY, Georges, Org., *História da Vida Privada*, Vol. 2 *Da Europa feudal à Renascença*, op. cit., p. 114.
[130] DUBY, Georges, *Damas do século XII*. T. I *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII*, São Paulo, Cia das Letras, 1995. T.2, *A Lembrança das ancestrais*, São Paulo, Cia das Letras, 1997. T.3, *Eva e os Padres*. São Paulo, Cia das Letras, 2001. "O Poder das Damas", in *A Lembrança das ancestrais*, op cit., p. 95 *et ss.*
[131] Idem, p. 98.
[132] LEHMAN, Andrée, *Le rôle de la femme dans l'histoire de France au Moyen-âge*, op. cit.

reunião de 1308 convocada por Felipe IV o Belo, pouco antes da invenção da Lei Sálica.

A acima referida interpretação da antiga Lei sálica, inventada, após muitas tergiversações, pelos Valois para justificar a exclusão de várias filhas de França da sucessão ao trono de França, é realmente apenas o resultado de uma manobra política que ocorre no século XIV (sob Felipe V, enterinado pelo Parlamento de Paris em 1317). Portanto, trata-se de uma decisão especificamente francesa amplamente circunstancial na ocasião da sucessão de Luís X.[133] As outras casas reais européias não acompanham esse movimento peculiar. Aliás, a divergência de opinião a esse respeito constitui um dos pretextos ou fundamentos da pretensão dos reis ingleses ao trono da França.

AS MULHERES COMO AGENTES CULTURAIS

A definição clássica de cultura restringe-a, geralmente, ao campo social dominante, retrospectivamente: arquitetura, pintura, escultura.[134] Estudando a história da arte medieval, as mulheres parecem ausentes. Mas, se adotarmos uma visão mais etnográfica e abrangente da cultura, considerando, com igual interesse, várias formas de expressão cultural, e resgatando a diversidade geográfica européia, veremos aparecer silhuetas femininas no palco da História. Eventual ou aparente ausência não significa, todavia, incompetência, incapacidade intrínseca, mas exclusão ou ocultação. Além de enfatizar o papel das mulheres no esforço produtivo extraordinário que se dá na Europa ocidental do chamado auge da Idade Média, que propicie os recursos para quaisquer produções artísticas, cuja expressão mais magnífica reside nas catedrais, é bom lembrar algumas das contribuições femininas ao panorama cultural do período. São apenas raras sobreviventes dos poderosos mecanismos sociais que se acentuam então para excluí-las e limitá-las, mas também, curiosamente, da historiografia. Ora, não seria boa prática historiográfica ignorar as realizações dos membros de dado grupo inferiorizado sob o pretexto que eles não dominavam o campo social. Se tal preceito vale para os escravos na América colonial e pós-colonial, por que não para as mulheres na época medieval?

A construção das catedrais

Entre 1050 e 1350, na França, são construídas mais de 80 catedrais, 500 grandes igrejas e dezenas de milhares de igrejas paroquiais. Dedicadas a Nossa Senhora, as sé dos bispos são imensas. Altas, elas dominam a paisagem urbana. Vastas, elas podem abrigar mais fiéis que a população total da localidade: em Amiens, são 7.700 m^2 na planta baixa, quando não se tem mais de 10.000 habitantes. Os alicerces são cavados até mais de 10 metros de profundidade. As flechas mais altas (142 m em Strasbourg) só seriam superadas pela Torre Eifel em 1889.

[133] Frente à comprovada infidelidade da rainha Marguerite de Bourgogne colocando em questão a legitimidade de sua filha, Joana, os tios dessa, inclusive Felipe V, resolveram afastar todas as herdeiras potenciais, inclusive suas próprias filhas. Essa manobra não colheu todas as adesões, tanto assim que forneceu o pretexto tanto para Eduardo III quanto para Henrique V da Inglaterra reivindicarem o trono da França inclusive por meio militares, o que foi chamado posteriormente de Guerra de Cem Anos.

[134] Ver a magnífica obra coordenada por Georges Duby e Michel Laclotte, *História artística da Europa*, A Idade Média, Tomo I, São Paulo, Paz e Terra, 1997. Tomo II, São Paulo, Paz e Terra, 1999.

As maiores são erguidas em ritmo rápido, quase uma competição: 1133 Sens; 1151 Noyon; 1160 Laon; 1163 Paris; 1192 Bourges; 1194 Chartres (com uma flecha de 105 metros); 1202 Rouen; 1211 Reims; 1217 Mans; 1221 Amiens; 1247 Beauvais (com a abóbada a 48m). Strasbourg.

Os construtores conhecidos das catedrais eram homens; os grandes pintores e escultores que as ornamentavam, também. Não se conhece uma equivalente a Giotto, imortalizando São Francisco de Assis,[135] para homenagear Santa Clara. Mas, a edificação de uma catedral requer muito mais competências e forças econômicas além de arquitetos e pintores, por mais geniais que sejam. E nessas outras posições, essenciais, há mulheres, sim. Elas estão, sem dúvida, entre as mais generosas contribuidoras ao esforço gigantesco empreendido por uma sociedade em efervescência espiritual.

Pobres, elas carregam voluntariamente pedras, areia e outros materiais para o canteiro de obras, participando dos inúmeros mutirões sem os quais não poderíamos admirar tão notáveis realizações arquitetônicas. Camponesas, elas apoiam o esforço ao fornecer materiais e alimentos, abastecendo operários e transportadores. Citadinas, elas coletam também dinheiro, como Isabelle Raclete em Autun,[136] e de outros modos organizam o apoio ao esforço arquitetônico Como empresárias e operárias, esposas ou filhas de artesãos elas estão presentes nos contratos dos maridos pelas regras corporativas e participam das diversas operações que esse gigantesco empreendimento comportam. Quando viúvas, elas tratam dos negócios com todos os direitos normais: assuntos imobiliários, contratos de fornecimento etc. Gimpel cita o exemplo de uma gesseira, isto é proprietária de uma pedreira de gipso. Encontram-se, raramente, trabalhadoras especializadas na construção propriamente dito, embora sejam citadas morteireiras e pedreiras. Não há registro de talhadora de pedra, embora a iconografia mostre mulheres esculpindo estátuas.[137] Mecenas, sejam elas ricas ou pobres, elas respondem entusiasticamente aos incessantes chamados dos capítulos episcopais por mais recursos financeiros para tocar as obras. Jean Gimpel afirma: "*Os pregadores e moralistas da Idade Média, ao caluniar a mulher, esconderam o papel ativo e construtivo que ela teve nessa sociedade. O papel da mulher no sucesso da cruzada das catedrais foi decisivo*."[138]

Entre os patrocinadores dos empreendimentos artísticos, distinguem-se sempre as senhoras feudais, sejam elas leigas ou religiosas. As rainhas, em particular, financiam as maiores obras arquitetônicas que admiramos ainda. Blanche de Castela, rainha da França, contribui, em Paris, para enfeitar a Catedral e auxilia o filho na concepção da maravilhosa Santa Capela. Sua parente, a rainha Alienor e o rei Afonso X mandaram construir a catedral de Compostela.[139] Contratos de construção são patrocinados por mulheres, laicas e monjas. Os documentos mencionam sua participação, citando a "*nobre e venerável e religiosa Dama...*" e estipulando sua participação na obra. Como o mostra a iconografia, o papel dessas mulheres não se limita à contribuição que podiam fazer para a realização de dada obra, ou até mesmo à iniciativa de empreendê-la. Elas

[135] LE GOFF, Jacques, *São Francisco de Assis*, Rio de Janeiro, Record, 2001.
[136] Idem, p. 60.
[137] GIMPEL, Jean, *Les bâtisseurs de cathédrales*, Paris, Seuil, 1958, p. 74. Ver também GIMPEL, Jean, *A revolução industrial na Idade Média*, Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
[138] Idem, p. 76.
[139] ALTET Xavier Barral i, *Compostelle, Le grand chemin*, Paris, Gallimard, 1994. Ver também ERLANDE-BRANDENBURG, Alain, *Quand les cathédrales étaient peintes*, Paris, Gallimard, 1995, p.53.

participavam também na orientação arquitetural de muitos prédios.[140] É particularmente o caso das abadias, por exemplo, Fontevraud dirigida, como foi visto, por uma mulher na época de sua fundação. Esse mosteiro tem uma cozinha muito particular, com muitas chaminés comodamente colocadas para atender muitos peregrinos e pobres, além da comunidade monacal.

Fontes tão autorizadas quanto Gregório de Tours, no Livro II, de sua *História dos Francos*, menciona uma mulher como mestra-de-obra a propósito da Igreja dedicada a São Estevão perto de Clermont. Ela foi construída, conta, pela rica patrona, esposa de São Namácio, bispo da mesma cidade. Quando a igreja foi concluída, "*desejando adorná-la de cores, ela costumava segurar um livro aberto diante de si, lendo as histórias de antigos feitos e indicando aos pintores o que deviam representar nas paredes*."[141] No âmbito restrito das construções religiosas, outro exemplo é ilustrado em miniatura: a igreja dedicada à Madalena, no Vezelay, foi erguida sob a orientação de Berthe, esposa de Girart de Roussillon.[142]

Muitas vezes, os chamados mestres-de-obras ou mestras-de-obras, segundo a nomenclatura da época, um papel equivalente talvez ao de produtor na indústria cinematográfica atual, escolhem a localização e os grandes traços das futuras edificações. Assim a iniciativa da implantação dentre os mais prestigiosos templos do cristianismo é devida a Santa Helena, mãe de Constantino o Grande. Foi sua inspiração que desenhou o mapa arquitetônico da Terra Santa: por meios espirituais, ela situou os lugares santos e ordenou a construção das igrejas do Santo Sepulcro, bem como de basílicas como a da Natividade em Belém e outros sítios relevantes para os cristãos. Seguindo esse nobre exemplo, uma Dama normanda teve a revelação de um jazido de pedras adequadas para a construção de uma abadia no local da batalha de Hastings: "*cavando em dado lugar, que lhe havia sido indicado por sua visão, eles encontrariam, nesse mesmo lugar, uma grande quantidade de pedras para a obra projetada. Assim procurando como haviam sido ordenados, encontraram pedras em qualidade e em quantidade tais que, com toda evidência, um tesouro havia sido enterrado aí por decisão divina para fornecer à obra, o material previsto*."[143]

O mecenato das aristocratas, abadessas, rainhas e senhoras feudais não se limita às igrejas, sejam elas catedrais. Sua grande cultura atrai os maiores talentos de sua época, fazendo de suas cortes lugares de promoção das artes e vida intelectual. Até mesmo papas como Gregório o Grande não desdenham trocar livros; uma de suas correspondentes é a rainha lombarda Teodelinda, na Pávia do século VII, que promove, além da fé católica, todos os ramos do conhecimento e da produção artística "*mandando pintar afrescos representando a Gesta dos Lombardos e pedindo, na mesma época, ao monge Secundus de Trento, de escrever uma história de seu povo*".[144] O exemplo-mor desse papel, que será copiado através toda a Europa e permanecerá como o modelo pelos séculos seguintes, é, no século XII, a corte brilhante de Alienor da Aquitânia, grande senhora por conta própria, chefe do Estado mais rico do ocidente europeu. Duas

[140] Idem.
[141] HENDERSON, Georges, *Arte medieval*, São Paulo, Cultrix, 1978, p. 159.
[142] In ERLANDE-BRANDENBURG, Alain, *Quand les cathédrales étaient peintes*, op. cit., p. 42. Ver outra miniatura in GIMPEL, Jean, *Les bâtisseurs de cathédrales*, op. cit., p. 75.
[143] Construction de Battle Abbey [abadia da batalha], in *Chronicon monasterii de Bello*, 1066, citado in ERLANDE-BRANDENBURG, Alain, *Quand les cathédrales étaient peintes*, op. cit., p.143. Antes do achado desse jazido, os construtores deviam ir buscar pedras na Normandia, do outro lado do canal da Mancha.
[144] RICHÉ, Pierre, *Ecoles et enseignement dans le Haut Moyen Age*, Paris, Aubier, 1979, p. 278.

vezes rainha – de França e de Inglaterra – ela cria um verdadeiro centro artístico na sua corte de Poitiers.[145] É lá que nasce o ideal cavalheiresco da época; as damas editam as regras do amor cortês, antes mesmo que escritores – masculinos – as fixassem por escrito.[146]

Sua filha, Marie de Champagne, segue e divulga a obra materna, inspirando e patrocinando a redação de obras que marcam a cultura até hoje. Ela "*propôs o perigoso tema de Lancelote, o cavaleiro da charrete"*[147] a Chrétien de Troyes para um romance que marcaria duravelmente o Ciclo arturiano na versão mais divulgada.[148] Se, nos séculos seguintes, o "fechamento" da Idade Média revela-se negativo para as mulheres, permanece o modelo de soberana esclarecida e, sobretudo, livre de manifestar sua vontade própria, até mesmo quando é casada com tão poderoso um rei quanto Eduardo III da Inglaterra. Philippa de Hainaut emprega como secretário, por muito anos, o famoso cronista Froissart, chamado por Michelet de "Walter Scott da Idade Média".[149] Ela patrocina também Chaucer, o maior autor inglês de sua época, que sofre cruelmente com a morte da rainha, em 1369. O famoso Queen's College, em Oxford, lhe deve seu nome e sua fundação financiada pela rainha pessoalmente.[150] Como foi visto, essa não desdenha empreender campanhas militares sem se furtar ao papel de mãe eximia, amamentando seus filhos. Retratada nessa atividade com o futuro Príncipe Negro bebê, ela serviu de modelo para inúmeras representações da Virgem Maria e do Menino Jesus.[151]

Educação

Carlomagno havia previsto escolas para os meninos e as meninas. Mas proibiu, conforme os ensinamentos paulinos, que conventos femininos instruíssem os pequenos homens. No entanto, desde a fundação do primeiro mosteiro feminino ocidental, em Arles, no século VI, a pedido da irmã de Santo Cesário,[152] as regras dos inúmeros mosteiros do continente como das ilhas britânicas, indicam como propósito o de instruir, a partir dos seis anos de idade, meninas e meninos (esses até os 12 anos).[153] As senhoras criam e dotam inúmeras fundações para sustentar crianças de ambos os sexos durante seus estudos, inclusive no meio urbano. Nesse âmbito, no entanto, um desequilíbrio no número de estabelecimentos vai se agravando. No século XIII, Paris tem uma escola para meninas contra 11 escolas para meninos e, em 1380, é uma para vinte.[154]

É que as mentalidades evoluem, na elite poderosa da Igreja gregoriana, para uma concepção durável segundo a qual os conhecimentos que as mulheres devem dominar são reduzidos àqueles dos afazeres domésticos. Elas criam as universidades como

---

[145] Ver HEER, Friedrich, *O Mundo Medieval, op. cit.*. MEADE, Marion, *Eleanor de Aquitânia*, op. cit.
[146] CAPELÃO, André, *Tratado do Amor Cortês*, São Paulo, Martin Fontes, 2.000.
[147] FOUCHER, Jean-Pierre, Prefácio ao livro TROYES, Chrétien, *Romances da Távola Redonda*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 19
[148] Já foi aventada a possibilidade que ele seja apenas um "ghost writer". Não há dúvida que, por ser sua obra sob influência para não dizer encomenda da Condessa Marie de Champanhe, as idéias dessa distinta senhora podem transparecer na trama e no tratamento dos episódios narrados.
[149] MICHELET, Jules, *Le Moyen Age, Histoire de la France*, op. cit., p. 488.
[150] Ela ainda encontrou tempo e energia para impulsionar a indústria têxtil na Inglaterra, na época do bloqueio do abastecimento em matéria prima (lã) das Flandres instaurado, por razões políticas, pelo rei Eduardo III.
[151] DAVIS, Gould, Elizabeth, *Am Anfang war die Frau*, op. cit., p. 283.
[152] RICHÉ, Pierre, *Ecoles et enseignement dans le Haut Moyen Age*, op. cit.
[153] PERNOUD, Régine, *La femme au temps des cathédrales*, op. cit., 87
[154] Idem, p. 88.

estabelecimentos de ensino superior oficialmente fechados às mulheres, regra que será respeitada, atravessando revoluções e repúblicas, até os séculos XIX e XX, sendo os derradeiros bastiões masculinos conquistados apenas nos últimos decênios. Se os argumentos mudam, a exclusão explícita das mulheres em todos os níveis da formação superior conduz automaticamente e sem apelo a uma exclusão profissional.

Até a Peste Negra, os conventos femininos forneciam ainda um ensino de alto nível, cuja beneficiária mais famosa foi talvez Heloísa. Abelardo dizia que preferia debater com cardeais a enfrentá-la. Mas, no final do período, ela não teria podido aperfeiçoar seus conhecimentos à mesma altura. Dizimados pela epidemia, os conventos femininos conhecem insuperáveis dificuldades para encontrar quadros. Eles se transformam em escolas de nível acadêmico mais baixo que anteriormente, destinados a abrigarem as filhas da nobreza e da alta burguesia que precisam guardar sua virtude ao mesmo tempo em que aprendem noções de latim, se dedicam a leituras pias e bordam paramentos sacerdotais.

Antes mesmo da catástrofe demográfica, a Igreja havia manifestado sua oposição à criação de novas ordens monásticas femininas, na mesma época em que encorajava Cluny, Cister, os Dominicanos e tantos outros a se fortalecerem, sendo a cúpula pontifícia diretamente ligada a esses grandes mosteiros. No século XIII, as franciscanas constituam a única exceção em virtude da intercessão de São Francisco de Assis determinado em criar um abrigo para Santa Clara e suas seguidoras. O mosteiro das clarissas é criado com regra própria antes de seu equivalente masculino. Entrar num convento pode significar escapar à estratégia matrimonial da família, como o ilustra claramente um afresco contando a vida da santa.[155] Para as outras ordens, uma longa resistência das autoridades eclesiásticas é finalmente vencida por senhoras da aristocracia e até rainhas, que encontram nessas instituições um lugar de recolhimento e paz, particularmente para o fim de suas vidas. Comunidades semi-religiosas como o movimento das beguinas confirmam a grande afluência de mulheres para a vida monástica, seja ela rural ou urbana.

Um dos casos mais notáveis foi estudado por Jacques Dalarun. Fontevraud é fundado na Aquitânia por Robert d'Abrissel, sob a direção de uma abadessa. Trata-se de um estabelecimento monacal duplo, masculino e feminino.[156] Ele constitui um anacronismo, na medida em que, no final do século, o papa Inocêncio III interfere, querendo diminuir o papel das abadessas, particularmente com a "*dissolução dos mosteiros duplos (habitados por monges e monjas) na Europa ocidental. Como eram mulheres que conduziam esses estabelecimentos, sua dissolução diminuiu grandemente o acesso das mulheres à hierarquia da igreja*."[157] Com efeito, é nos conventos que se forma uma elite feminina muito instruída; aí se desenvolve uma vida intelectual do mais alto nível, entre aristocratas, damas das cortes e suas parentes abadessas e monjas.

O ensino das sete artes liberais é praticado em certos conventos femininos; Gertruda de Helfta (XIII) ainda prossegue, após estudar a gramática, estudos de teologia, segundo a gradação oficial. Mas, em breve, isso se tornaria uma exceção, pois a instalação do monopólio universitário (citadino e secular, portanto masculino) constituiria um dos meios mais eficientes de exclusão das mulheres dos mais altos

[155] OPITZ, Claudia, "O quotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500) in DUBY, Georges e Michelle PERROT, *História das Mulheres*, Vol. II *A Idade Média*, op. cit., p. 413. Ver também p. 422.
[156] Jacques DALARUN, *Amor e Celibato*, op. cit. Ver também MEADE, Marion, *Eleanor de Aquitânia*, op. cit.
[157] STUARD, Susan, "The Dominion of Gender: Women's Fortunes in the High Middle Ages", in BRIDENTHAL, Renate, KOONZ, Claudia & STUARD, Susan, *Becoming Visible*, op. cit., p. 159.

níveis do saber acadêmico. Antes consideradas trabalhadoras intelectuais iguais a seus pares masculinos, as mulheres sofrem, cada vez mais, os efeitos do sucesso da corrente anti-feminina eclesiástica reforçada pelos progressos do retorno à tradição do direito romano, doravante modelo para o canônico. Certas universidades devem até mesmo sua fama a esse empreendimento de *revival*, como a de Bolonha, na Itália ou de Tolosa, capital do condado do mesmo nome. Essa última é fundada com o propósito específico de continuar a luta contra a heresia cátara - de forte participação feminina, em todas as classes sociais, diga-se de passagem[158] - começada com a Cruzada dos Albigenses. A instituição universitária complementa, assim, o projeto normatizador empreendido, por meios mais brutais, pela Inquisição, sua contemporânea. Assim o nascimento tão badalado das escolas episcopais, à sombra das catedrais, dizia Duby, revele talvez o lado mais sombrio de uma instituição geralmente pouco discutida.[159] Nesse novo contexto, os debates teológicos são doravante reservados a mentes masculinas.

As Artes (injustamente) ditas menores

A arte da tapeçaria figura entre as mais notáveis. Desde o século XI, a mais famosa, dita de Bayeux ou da rainha Matilda, conta a invasão da Inglaterra por Guilherme o Conquistador, duque da Normandia que derrota outro pretendente à coroa, Haroldo, na batalha de Hastings (1066). Essa composição foi felizmente conservada representa uma fonte utilizada por historiadores em diversos aspectos: desde a questão militar, equipamentos, recursos, heráldica, arquitetura, até mentalidades, representações, atitudes, costumes, vestes etc.[160] Tira de linho de 70 metros por 50 centimetros, bordada com fios de lã colorida, ela constitui uma obra de arte madura e altamente refinada. Sua linguagem visual é precisa e eficaz na narração dos importantes eventos que descreve. Historiador da arte, Henderson comenta: "*A maestria da autora transparece na fluência, na economia e na clareza da seqüência de sua história e no detalhe sutil e imaginativo.*"[161] Inúmeras outras obras, decoram as paredes internas de castelos, abadias e catedrais. Algumas depictam a vida ideal da nobreza, como a famosa "Dama e a Licorna" testemunha da elegância do desenho, resistência dos materiais e excelência da técnica dessa produção.

Bordados de diversas técnicas enfeitam também paramentos litúrgicos, vestes sacramentais ou leigas, reais, como o manto do imperador Henrique II, maravilhosamente comentado por Georges Duby.[162] Os elementos, as cores, a disposição dos desenhos detêm todos significados expressos numa linguagem visual imediatamente entendida pelos contemporâneos. "*Das mãos femininas*", escreve Duby, "*saíam, de fato, todos os enfeites do corpo e os tecidos ornamentados que decoravam o próprio quarto, a sala e a capela, isto é uma parte considerável do que chamaríamos de criação artística, sacra e profana, mas assentada em materiais tão perecíveis que dela só subsistem hoje ínfimos fragmentos*."[163]

---

[158] BRENON, Anne, *Les femmes cathares*, Paris, Perrin, 1992.
[159] Ver a obra de LE GOFF, Jacques, *Os intelectuais na Idade Média*, São Paulo, Brasiliense, [1988] 1995.
[160] HENDERSON, Georges, *Arte medieval*, op. cit., p. 173.
[161] Idem, p. 174.
[162] DUBY, Georges, *A Europa na Idade Média*, op. cit.,14
[163] DUBY, Georges, "Convívio" in ARIES, Philippe e DUBY, Georges, Org., *História da Vida Privada*, Vol. 2 *Da Europa feudal à Renascença*, op. cit., p. 90.

As mulheres e a criação literária

Duoda, entre outras eruditas de seu tempo,[164] redige um tratado de educação em versos latinos entre 841e 43, destinado a seus próprios filhos. Pois, há mulheres também na criação literária. A produção de conhecimentos, livros, músicas é intensa. Pessoas, idéias, objetos circulam com freqüência entre estabelecimentos monásticos (masculinos e femininos) e as cortes, inclusive papal. Todas abrigam bibliotecas que essas trocas enriquecem, pois, além das relíquias, os presentes costumeiros mais prezados são livros em pergaminhos delicadamente copiados.

Em Poitiers, por exemplo, o mosteiro fundado no século VI pela rainha Radagunda, ela mesma uma poetisa, abriga uma vida intelectual viva, quiça profana por demais, pois "*a abadessa de Arles, Cesária, talvez informada dessas trocas corteses, manifesta, na sua carta a Radagunda, que ela tema que se esqueça o estudo dos textos sacros, "verdadeiros ornamentos da alma"*."[165] Uma das monjas Baudinivia escreve uma *Vita Radegundis* "*em latim correto e que sabe aproveitar os modelos hagiográficos*",[166] o que Riché interpreta como o alto nível de instrução revelado pelas religiosas. As ilhas britânicas, e particularmente a Irlanda, conhecem nessa Alta Idade Média tão desprezada, um desenvolvimento extraordinário da cultura intelectual monástica, inclusive entre as mulheres. A cultura antiga e cristã é cuidadosamente conservada e comentada. As correspondências, às vezes na forma de poema, entre as maiores figuras religiosas da época, como Aldhelm ou Bonifácio, e as abadessas revela tanto preocupações de amizade como de parceria intelectual. As trocas de obras escritas são entre os assuntos mais freqüentes, sejam esses livros novos, ou cópias de escritos antigos, laicos ou religiosos, que encontraram na ilha um campo de divulgação de alcance continental. Getruda, filha de Pepino de Landen, abadessa de Nivelles, é apenas uma das autoridades da época que manda buscar "estudiosos" nesse além mar, isso é a Irlanda, "*para ajudá-la nas suas pesquisas religiosas*".[167]

No continente, em Jouarre, a fama de alto nível intelectual das monjas torna o mosteiro um lugar privilegiado para acolher as princesas anglo-saxães em busca de uma educação. Nas cortes também, como a da Toledo dos Visigodos, as filhas das famílias nobres recebem uma educação no sentido clássico do termo. Leandro, irmão de Isidoro de Sevilha, deixou recomendações destinadas tanto às alunas quanto orientações para as professoras. Entre outros, ele escreve uma regra para sua irmã Florentina, que prevê a leitura entre os afazeres das monjas. "*Para aprofundar seu conhecimento do Antigo Testamento, Florentina pediu a seu irmão Isidoro o tratado intitulado "De fide catholica contra Judeos*".[168]

No século X, Rosvita (ou Hrotsvitha) (c. 935-c. 1000), abadessa de Gandersheim, "*é figura de extraordinária importância para a história do teatro: é a responsável – após séculos de ausência – pelo restabelecimento da composição teatral*."[169] Ela escreve seis peças em prosa rimada, imitando Terence - embora o

[164] FONAY WEMPLE, Suzanne, "As mulheres do século V ao século X", in DUBY, Georges e Michelle PERROT, *História das Mulheres*, Vol. II *A Idade Média*, op. cit., p. 261.
[165] RICHÉ, Pierre, *Ecoles et enseignement dans le Haut Moyen Age*, op. cit., p. 241.
[166] Ibidem.
[167] Idem, p. 275
[168] Idem, p. 242.
[169] LAUAND, Luiz Jean, *Cultura e Educação na Idade Média, Textos do século V ao XIII*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 169.

apresentador da edição inglesa de 1923 discorde dessa afirmativa.[170] Herrade, abbesse de Hohenburg redige a enciclopédia mais conhecida do século XII: *Hortus Deliciarum.*[171] Gertrude de Helfta, é, no século XIII, uma teóloga de renome. Heloísa, a mais conhecida, sem dúvida, das mulheres intelectuais desse período, suscita a admiração não só de Abelardo, um dos maiores filósofos de seu tempo que reconhece nela uma parceira a sua altura. Pedro o Venerável, abade de Cluny, escreve a seu respeito que ela "*consegue ultrapassar quase todos os homens*" no domínio do espírito.[172] No entanto, Duby duvida que as famosas cartas sejam da autoria de Heloísa, pois elas revelam uma construção literária que segue padrões conhecidos da época, inclusive o silêncio final, um exemplo da figura do *praeteritio* comum para concluir um debate.[173]

Uma das autoras mais prolixas é, sem dúvida Hildegarde von Bingen (Santa 1098-1179), abadessa beneditina de Ruperstberg. Grande mística, ela influencia São Bernardo. Versada nas artes médicas, poeta, visionária, música, ela escreve *Scivias* (1140's), uma denúncia apocalíptica do vício. *Liber de Operatione Dei* consiste numa tentativa sutil e engenhosa de aproximar espiritual e fisiológico, impulsos sexuais e sensuais.[174] Outra abadessa, Marie de France, torna-se famosa por "*peças literárias perfeitas*" [175] chamadas de "Lais", isto é contos curtos, particularmente com peças como *Lai de Guigemar* e *Lai de Yonec* (*malmariée*) ou ainda do *Laüstic*[176] que exploram todas as formas de amor. Estudos recentes tendem a associá-la cada vez mais estreitamente ao florescimento da "matéria de Bretanha", isso é, temáticas e poética de origem céltica, ilustradas magistralmente no Ciclo Arturiano, por utilizar tradições orais bretães em vez de modelos antigos, isto é mediterrâneos. Heldris da Cornoalha escreve, no século XIII, o *Roman de Silence* onde questiona o fato de que o direito de sucessão passe a ser negado às mulheres, mostrando a participação da maioria das autoras, independente de serem laicas ou religiosas, aos assuntos do mundo de seu tempo.

Christine de Pisan (1364 –1405) talvez seja a mais articulada dessas autoras quanto à condição feminina que ela ressente, já no século XV, como injusta. Laica, ela é considerada a primeira mulher a ganhar sua vida como escritora, no sentido moderno do termo.[177] Ela compõe muitas obras, além de uma biografia de Carlos V. Transcende assim os limites já impostos a seu sexo. Durante a chamada "Querela do Romance da

---

[170] Ver o texto integral na internet: ORB, Medieval Sourcebook: *Hrotsvitha, ca. 935-ca. 975. The Plays of Roswitha*. Translated by Christopher St. John, with an introduction by Cardinal Gasquet and a critical preface by the translator, London, Chatto & Windus, 1923, p.93.

[171] PERNOUD, Régine, *La femme au temps des cathédrales*, op. cit., p. 77 *et ss.*

[172] Duby, Georges, *Eloisa, Isolda e outras damas do XII*, op. cit., p 57.

[173] Idem, p. 70. Ver também ROCHA, Zeferino, *Paixão, violência e solidão,* op. cit..

[174] As indicações a seguir são apenas uma amostragem: BINGEN, Hildegarde de, *Le livre des oeuvres divines (visions*), Paris, Albin Michel, 1989 [1982]. *Le Livre des subtilités des créatures divines (physique. Les plantes, les éléments, les pierres, les métaux),* Grenoble, Jérôme Millon, 1988. *Le Livre des subtilités des créatures divines (physique. Les arbres, les poissons, les oiseaux, les animaux, les reptiles),* Grenoble, Jérôme Millon, [1989] 1994. Em termos de música: *The voice of the Blood*, Deutsche Harmonia Mundi. *Sinfoniae. Geistliche Gesãnge*, Deutsche Harmonia Mundi GD 77020. *Ordo Virtutum. Spiel der Kräfte*. GC 77051 (2 CD). *Gesänge der Ekstase*, Deutsche Harmonia Mundi. 05472 77320 2.

[175] FOUCHER, Jean-Pierre, Prefácio a TROYES, Chrétien, *Romances da Távola Redonda*, op. cit., p. 14. FRANCE, Marie de, *Les Lais*, publiés par Jean Rychner, Paris, Champion, 1983

[176] Ele serve como um exemplo-mor de amor cortês. Como para outros *Lais*, seu título é fornecido pela autora em três idiomas: bretão, inglês e francês, o que afirma a fusão cultural à qual ela procede.

[177] PIZAN, Christine de, *The Book of the City of Ladies*, New York, Persea Books, 1982 (Foreword by Marina Walter). RENIER-BOHLER, Danielle, "Vozes literárias, vozes místicas", in DUBY, Georges e PERROT Michelle, *História das Mulheres*, Vol. 2, *A Idade Média*, op. cit., p. 517-565. WILLARD, Charity Cannon, *Christine de Pizan. Her Life and Works*, New York, Persea Books, 1984. PERNOUD, Régine, *Christine de Pisan,* op. cit..

Rosa",[178] ela redige uma *Epitre au Dieu d'Amour* (1400) contra o segundo autor da obra. "*Que não me acusem de desatino, de arrogância ou de presunção, de ousar, eu mulher, opor-me e replicar a um autor tão subtil, nem de reduzir o elogio devido à sua obra, quando ele, único homem, ousou difamar e censurar sem excepção todo o sexo feminino.*"[179] Ela compõe também *A Cidade das Damas*, em que reivindica a mesma educação para crianças de ambos sexos e defende o casamento contra a dupla moral. Finalmente, num gesto significativo, ela se levanta em defesa de Joana d'Arc.

Quanto à composição musical, provavelmente sob influências, do mundo islâmico tão próximo, particularmente das tradições mozárabes, em contato direto com as regiões de língua de Oc, ao norte dos Pirineus, onde nasce o amor cortês, cantado nas obras dos trovadores e das *trobaritz* (trovadoras). Algumas autoras vêem nisso um fenômeno marginal e imitativo: apenas um por cento da produção escrita conhecida[180] é atribuída a vozes de mulheres (ou de homens se passando por tais), que imitam o estilo dominante masculino quando falam do amor que sentem pelos homens; muito poucas manifestem uma temática feminista. Especialistas consideram essas obras como constituindo o maior *corpus* de poesia lírica composto por mulheres na Idade Média. Stevie Wishart contabilizou mais de vinte *trobairitz* cujas obras são conhecidas hoje. A mais famosa é Beatriz de Die (1180-1210), [181] esposa do conde Guilherme da Aquitânia Apaixonada por Raimbaut d'Aurenga, ela exalta seus sentimentos em vários cantos. A maior parte de sua obra foi perdida e "A Chantar mér" é a única peça com toda a música. As trobairitz seguem tanto as temáticas quanto o ideal do amor cortês, a *fin' amor*. No período posterior à Cruzada dos Albigenses, que arrasou a cultura dos países de língua de Oc, essas poetisas celebram seu amor em dimensões místicas, por meio de músicas religiosas.

Novamente, os mosteiros femininos, como os masculinos, são muito prolixos em produções de toda arte. Cantigas de Santa Maria (Espanha) da época de Afonso X, o sábio (1226-1284), de grande florescimento, comporta a maior coleção de hinos à Virgem. Foram gravados CD com as músicas, tentando reencontrar a maneira exata de interpretá-las, com instrumentos reconstituídos. Um belo exemplo desses esforços tanto artísticos quanto históricos *El Canto de la Sibila* (Galícia e Castilha), que consiste em textos escatológicos. No início do século XIII também, a abadessa Maria Gonzalez de Aguero e suas monjas cistercienses abrigam, num mosteiro real, damas das maiores famílias e fazem florescer uma *schola cantorum* (conservatório de música) e um *scriptorium* (estúdio de produção de livros). O *Codex de Las Huelgas,* é um exemplo apenas das realizações desses centros culturais monásticos femininos aos quais falta apenas o nome de universidade. A península ibérica abriga ainda por um tempo, como os países de língua de Oc antes da cruzada dos Albigenses, a colaboração estimulante e criativa de estudiosos judeus, muçulmanos e católicos. Eles produziram um *thesaurus* que, tanto quanto o aporte bizantino na península itálica, fomentaria o Renascimento.

---

[178] Ver, por exemplo, os capítulos que Duby dedica a essa obra no seu *Idade Média, Idade dos homens*, op. cit.

[179] RENIER-BOHLER, Danielle, "Vozes literárias, vozes místicas", in DUBY, G. e PERROT M., *História das Mulheres*, Vol. 2, *A Idade Média*, op. cit., p. 530.

[180] Ibid.

[181] Ela figura entre as 16 trobairitz (1170-1260) com obra em CD. Ver um exemplo de sua obra, com excelentes comentários do autor Segismundo Spina, *A Lírica trovadoresca*, São Paulo, EDUSP, [1956] 1996, p. 124-126.

Na outra extremidade da escala social, cantos e danças se perpetuam, até hoje, através do folclore, particularmente baladas, canções de "toile" (nos países de língua de oil), de natal e de ninar, Canções da aurora, Pastorelas que fazem um contraponto ao ideal cortês da *fin'amor*, mais marcado pela sexualidade realizada; elas se perpetuariam no folclore por séculos. As *jongleresses*, as *menestreis* são entre cinco e dez por cento do total na sua profissão; elas viajam com seus companheiros masculinos e são organizadas em guildas, junto com eles. Em Paris, em 1321, são 8 de um total de 37 membros.

Sem concluir

"Idade Média, Idade dos Homens", sem dúvida, no sentido de uma sociedade dominada pelos homens, erguendo, cada vez mais, valores masculinos em padrões todo-abrangentes. Mas o período é também a história de um declínio, da perda progressiva de direitos, da restrição severa da participação profissional e política, da limitação da independência econômica.

A baixa Idade Média marca, com efeito, uma aceleração impiedosa do fenômeno que se completaria-se nos mal chamados "Renascimento" e "Iluminismo", época paradoxal que se destaca por sua parcela de obscurantismo e práticas desumanas: não precisa lembrar a caça às bruxas, a escravidão moderna e o tráfico negreiro, a colonização, com as conseqüências nefastas dos quais somos ainda confrontados.

Mas, não é por ser dominada socialmente, e cada vez mais acuada à invisibilidade dos oprimidos, que nosso ofício de historiador/ra possa prescindir de atribuir, na grande paisagem histórica, o devido espaço que cabe à metade feminina da população: quando certas mulheres atingem níveis de reconhecimento social e capacidade de atuar que lhes garantem presença, mesmo tímida, nas fontes, que sejam resgatadas todas as facetas descritíveis dessa participação à vida da sociedade medieval; quando não é o caso – as camponesas, por exemplo - que o vazio correspondente inscrito na tapeçaria da historiografia esteja na dimensão exata de sua presença efetiva no passado.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

ALPHANDERY, Paul, (1875-1932) et DUPRONT, Alphonse, *La cristiandad y el concepto de cruzada. Las primeiras cruzadas*, Mexico, UTEHA, 1959.

ALTET Xavier Barral i, *Compostelle, Le grand chemin*, Paris, Gallimard, 1994.

ARIES, Philippe e DUBY, Georges, *História da Vida Privada*, Vol.1, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

ARIES, Philippe e DUBY, Georges, *História da Vida Privada,* vol. II, *Da Europa feudal à Renascença*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

ARIES, Philippe, *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien régime*, Paris, Seuil, 1973 [1960].

BARNAY, Sylvie, *La Vierge. Femme au visage divin*, Paris, Gallimard, 2000.

BARTHÉLÉMY, Dominique, "Parentesco" in ARIES, Philippe e DUBY, Georges, Org., *História da Vida Privada*, Vol. 2 *Da Europa feudal à Renascença*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

BEBEL, August, *Die Frau und der Sozialismus*, Berlin, Dietz Verlag, [1895] 1973, p. 89-103.

BINGEN, Hildegarde de, *Le livre des oeuvres divines (visions*), Paris, Albin Michel, 1989 [1982].

BINGEN, Hildegarde de, *Le Livre des subtilités des créatures divines (physique. Les plantes, les éléments, les pierres, les métaux)*, Grenoble, Jérôme Millon, 1988.

BINGEN, Hildegarde de, *Le Livre des subtilités des créatures divines (physique. Les arbres, les poissons, les oiseaux, les animaux, les reptiles)*, Grenoble, Jérôme Millon, [1989] 1994.

BINGEN, Hildegarde de, *Ordo Virtutum. Spiel der Kräfte*. GC 77051 (2 CD). *Gesänge der Ekstase*, Deutsche Harmonia Mundi. 05472 77320 2.

BINGEN, Hildegarde de, *The voice of the Blood,* Deutsche Harmonia Mundi. *Sinfoniae. Geistliche Gesãnge*, Deutsche Harmonia Mundi GD 77020.

BLOCH, Marc, *A sociedade feudal*, São Paulo, Ed. 70, [1939 -1970] 2ª ed. 1998.

BOGIN, Meg, *Les trobairitz, poetes occitanes del segle XII*, Barcelona, la Sal Ediciones de le dones, 1988.

BOURIN, Jeanne, *A bela dama*, São Paulo, Difel, 1983.

BOURIN, Jeanne, *La chambre des Dames*, Paris, Table Ronde, 1979.

BOURIN, Jeanne, *Le Grand Feu*, Paris, Paris, Table Ronde, 1985.

BOURIN, Jeanne, *Le jeu de la tentation*, Paris, Table Ronde, 1981.

BOURIN, Jeanne, *Les compagnons d'éternité*, Paris, Gallimard, 1992.

BOURIN, Jeanne, *Les pérégrines*, Paris, Table Ronde, 1989.

BRENON, Anne, *Les femmes cathares*, Paris, Perrin, 1992.

BROOKE, Elisabeth, *Women Healers. Portraits of Herbalists, Physicians, and Midwives*, Healing Arts Press, Rochester, Vermont, 1995.

BROWN, Peter, "Antiguidade Tardia", in ARIES, Philippe e DUBY, Georges, Org., *História da Vida Privada*, Vol.1 *Do Império Romano ao Ano Mil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 225-299.

BROWN, Peter, *Corpo e Sociedade, O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*, Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

BROWN, Peter, *O Fim du Mundo Clássico de Marco Aurélio a Maomé*, Lisboa, Verbo, 1972.

BYNUM Caroline Walker, *Jesus As Mother: Studies in the Spirituality of the High Middle Ages*, Univ California Press; 1984.

BYNUM Caroline Walker, *Fragmentation and Redemption: Essays on Gender and the Human Body in Medieval Religion*, Repr ed. Zone Books, 1992.

BYNUM Caroline Walker, *Holy Feast and Holy Fast: The Religious Significance of Food to Medieval Women* Univ California Press,1988.

BYNUM Caroline Walker, *Resurrection of the Body in Western Christianity, 200-1336* Columbia Univ Pr; 1995.

CAPELÃO, André, *Tratado do Amor Cortês*, São Paulo, Martin Fontes, 2.000.

CARREIRA, Eduardo, *Estudos de Iconografia medieval. O caderno de Villard de Honnecourt, arquitecto do século XIII*, Brasília, UNB, 1997.

CLARK, Alice, *Working life of Women in the 17th Century*, London [1918], Cass,1968.

COSTA, Ricardo Luiz Silveira, *A Guerra na Idade Média. Estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*, Rio de Janeiro, 1998.

CROUZET-PAVAN, Elizabeth, "Uma flor do mal: os jovens na Itália medieval (séculos XIII-XV)", in LEVI Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude, *História dos Jovens*, vol *1 Da Antiguidade à Era Moderna*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

DALARUN, Jacques, *Amor e Celibato na Igreja Medieval*, São Paulo, Martins Fontes, 1990, p. 171.

DAVIS, C.R.C., *Magna Carta*, The Trustees os the British Museum, 1963, pp.16-25. in ESPINOZA, Fernanda, *Antologia de textos históricos medievais*, Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1972, p. 326.

DAVIS, Gould, Elizabeth, *Am Anfang war die Frau*, Frankfurt/Main, Ullstein, [1971] 1987.

DELUMEAU, Jean, *História do Medo no Ocidente*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

DEMIANS D'ARCHIMBAUD, G., *Histoire artistique de l'Occident médiéval*, Paris, A. Colin, [1968], 1984

DUBY, Georges & WALLON, Armand, *Histoire de la France Rurale*, T. 1, *La formation des campagnes françaises*, Paris, Seuil, 1975.

DUBY, Georges e Andrée Duby, Le procès de Jeanne d'Arc, Paris, Gallimard, 1973.

DUBY, Georges e Michelle PERROT, *História das Mulheres*, Vol. II *A Idade Média*, Org. Christiane KLAPISCH-ZUBER, Porto, Afrontamentos/ São Paulo, Eubrasil, 1994.

DUBY, Georges, *L'économie rurale et la vie dans les campagnes dans l'Occident médiéval*, Paris, Montaigne, 1962. *Economia rural e vida no campo no ocidente medieval*, Lisboa Ed. 70, 1987, vol. I e II.

DUBY, Georges, "Convívio" in ARIES, Philippe e DUBY, Georges, Org., *História da Vida Privada*, Vol. 2 *Da Europa feudal à Renascença*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

DUBY, Georges, "La femme, l'amour et le chevalier", in DUBY, Georges, Ed., *Amour et sexualité en Occident*, Paris, Seuil, 1991. *Sexualidades ocidentais*, São Paulo, Brasiliense, 1986.

DUBY, Georges, *A Europa na Idade Média*, Lisboa, Teorema, 1984.

DUBY, Georges, *Damas do século XII* T.3. *Eva e os Padres*. São Paulo, Cia das Letras, 2001.

DUBY, Georges, *Damas do século XII*, T. 2, *Lembranças das ancestrais*, São Paulo, Cia das Letras, 1997.

DUBY, Georges, *Damas do século XII*. T. I *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII*, São Paulo, Cia das Letras, 1995.

DUBY, Georges, *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*, Rio de Janeiro, Graal, 1987.

DUBY, Georges, *Idade Média, Idade dos homens, Do Amor e outros ensaios*, São Paulo, Schwarcz, 1989.

DUBY, Georges, *O tempo das catedrais. A arte e a sociedade, 980-1420*, Lisboa, Estampa, [1976] 1993.

DUBY, Georges e Michel Laclotte, Coord. *História artística da Europa, A Idade Média*, Tomo I e II, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997 e 1999.

DUPRONT, Alphonse, *Du Sacré. Croisades et pèlerinages. Images et langages*, Paris, Gallimard, 1987.

EHRENREICH, Barbara & Deirdre ENGLISH, *Witches, Midwives, and Nurses. A History of Women Healers*, Old Westbury, Ferminist Press, 1974.

ERLANDE-BRANDENBURG, Alain, *Quand les cathédrales étaient peintes*, Paris, Gallimard, 1995.

FLANAGAN, Sabina, *Hildegard von Bingen 1098-1179*: A Visionary Life, Routledge, 1998.

FONAY WEMPLE, Suzanne, “As mulheres do século V ao século X”, in DUBY, Georges e Michelle PERROT, *História das Mulheres*, Vol. II *A Idade Média*, Org. Christiane KLAPISCH-ZUBER, Porto, Afrontamentos/ São Paulo, Eubrasil, 1994, p. 227-272.

FOUCHER, Jean-Pierre, Prefácio ao livro TROYES, Chrétien, *Romances da Távola Redonda*, São Paulo, Martins Fontes, 1998.

FOURQUIN, Guy, *História Econômica do Ocidente Medieval*, Lisboa, Ed. 70, 1981 [1969].

FOURQUIN, Guy, *Senhorio e feudalidade na Idade Média*, Lisboa, Ed. 70, 1987 [1970].

FRANCE, Marie de, *Les Lais*, publiés par Jean Rychner, Paris, Champion, 1983

FRUGONI, Chiara, “A mulher nas imagens, a mulher imaginada”, in DUBY, Georges e Michelle PERROT, *História das Mulheres* Vol. II *A Idade Média,* Org. Christiane KLAPISCH-ZUBER, Porto, Afrontamentos/ São Paulo, Eubrasil, 1994, p. 461-514..

GANSHOF, F.L., *Que é o Feudalismo?* Publ. Europa/America, 1968.

GARDEN, Maurice, "Ouvriers et artisans au XVIII siècle. L'exemple lyonnais et les problèmes de classification" in *Revue d'Histoire Economique et Sociale*, l970, vol. 48, n° I.

GARDEN, Maurice, *Lyon et les Lyonnais au XVIII*, Lyon, thèse de doctorat d’Etat, l970 publicada em forma reduzida: Paris, Flammarion, 1975.

GIMPEL, Jean, *Les bâtisseurs de cathédrales*, Paris, Seuil, 1958

GIMPEL, Jean, *A revolução industrial na Idade Média*, Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

HEER, Friedrich, *O Mundo Medieval. A Europa de 110 a 1350*, Lisboa, Arcádia, [1961] 1968, 463p.

HEERS, Jacques, *Escravos e domésticos na Idade Média*, São Paulo, Difel, 1983.

HEERS, Jacques, *La ville au Moyen Age: Paysages, pouvoirs et conflits*, Paris, Fayard, 1990.

HEERS, Jacques, *Libérer Jérusalem: la première croisade*, Paris, Perrin, 1995.

HENDERSON, Georges, *Arte medieval*, São Paulo, Cultrix, 1978.

HODGETT, Gerald A.J., *História Social e Econômica da Idade Média*, Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

HUIZINGA, Johan, *O Declínio da Idade Média*, Ulisséia, s.d.

KELLY-GADOL, Joan, “Did Women Have a Renaissance?” in BRIDENTHAL, Renate, KOONZ, Claudia & STUARD, Susan, *Becoming Visible. Women in European History*, Boston, Houghton Mifflin, 1987.

KLAPISCH ZUBER, *L’Ombre des ancêtres*. *Essai sur l’imaginaire médiéval de la parenté*, Paris, Fayard, 2.000.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane, “Les femmes et la famille”, in LE GOFF, Jacques, *L’homme médiéval* , Paris, Seuil, 1989,

KNIBIEHLER, Yvonne et FOUQUET, Catherine, *La femme et les médecins*, Paris, Hachette, 1983.

L’HERMITE-LECLERCQ, Paulette, “A ordem feudal (séculos XI-XII) ”, in DUBY, Georges e Michelle PERROT, Vol. II *A Idade Média*, Org. Christiane KLAPISCH-ZUBER, Porto, Afrontamentos/ São Paulo, Eubrasil, 1994. p. 273-330.

LAUAND, Luiz Jean, *Cultura e Educação na Idade Média, Textos do século V ao XIII*, São Paulo, Martins Fontes, 1998.

LE GOFF, Jacques, *Os intelectuais na Idade Média*, São Paulo, Brasiliense, [1988] 1995.

LE GOFF, Jacques, “Temps de l’église/temps marchand”, Annales, ESC, mai-juin, 1960.

LE GOFF, Jacques, *A Civilização do Ocidente Medieval*, vol. II, Lisboa, Estampa, 1983.

LE GOFF, Jacques, *L'homme médiéval* , Paris, Seuil, 1989.

LE GOFF, Jacques, *La naissance du purgatoire*, Paris, Gallimard, 1981.

LE GOFF, Jacques, *O imaginário medieval*, Lisboa, Estampa, 1994.

LE GOFF, Jacques, *São Francisco de Assis*, Rio de Janeiro, Record, 2001.

LE GOFF, Jacques, *São Luís*, Rio de Janeiro, Record, 1999.

LE GOFF, Jacques e Jean-Claude Schmitt, *Dictionnaire raisonné de l'Occident médiéval*, Paris, Fayard, 1999. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, Imprensa Oficial do Estado/Edusc, trad. coord. por Hilário Franco Jr 2 vol., 2002.

LEHMAN, Andrée, *Le rôle de la femme dans l'Histoire de France au Moyen-Âge*, Paris, Berger-Levrault, 1952.

LEROY LADURIE, Emmanuel, *Montaillou. Cátaros e católicos numa aldeia francesa (1294-1324*), São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

MEADE, Marion, *Eleanor de Aquitânia*, São Paulo, Brasiliense, 1991.

MICHELET, Jules, *A feiticeira.*

MICHELET, Jules, *Joana d'Arc*, São Paulo, Imaginário/Polis, 1995.

MICHELET, Jules, *Le Moyen Age, Histoire de la France*, Paris, [1869] Robert Laffont, 1981.

NEWMAN, Barbara, Ed. *Voice of the Living Light: Hildegard of Bingen and Her World*, Los Angeles-London, Univ. of California Press, 1998.

NEWMAN, Barbara, *Sister of Wisdom: St Hildegard's Theology of the Feminine*, Los Angeles-London, Univ. of California Press, 1997.

OLDENBOURG, Zoé, *As Cruzadas*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

OPITZ, Claudia, "O quotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500)", in DUBY, Georges e Michelle PERROT, *História das Mulheres*, Vol. II *A Idade Média*, Org. Christiane KLAPISCH-ZUBER, Porto, Afrontamentos/ São Paulo, Eubrasil, 1994, p. 353-440.

ORB, Medieval Sourcebook: *Hrotsvitha, ca. 935-ca. 975. The Plays of Roswitha*. Translated by Christopher St. John, with an introduction by Cardinal Gasquet and a critical preface by the translator, London, Chatto & Windus, 1923, p.93.

OTIS, Leah L. *Prostitution in medieval society*. *The History of an Urban Institution in Languedoc*, Chicago, Chicago UP, 1987.

PAGELS, E., *Adão, Eva e a Serpente*, Petrópolis, Rocco, 1992.

PERNOUD, Régine, *Alienor d'Aquitaine*, Paris, Albin Michel, 1965.

PERNOUD, Régine, A *Mulher no tempo das catedrais*, Lisboa, Grádiva, 1984.

PERNOUD, Régine, *Christine de Pisan*, Paris, Calmann-Lévy, 1982.

PERNOUD, Régine, *Héloise et Abélard*, Paris, Albin Michel, 1970.

PERNOUD, Régine, *La Reine Blanche*, Paris, Livre de Poche, 1972.

PERNOUD, Régine, *Hildegarde de Bingen, Conscience inspirée du XIIe siècle*, Livre de Poche, 1994.

PERNOUD, Régine, *J'ai nom Jeanne la Pucelle,* Paris, Gallimard, 1994.

PERNOUD, Régine, *La femme au temps des croisades*, Paris, Stock, 1990.

PERROT, Michèle, *Os excluídos da história. Operários, Mulheres e Prisioneiros*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

PERROT, Michelle Ed., *Une histoire des femmes est-elle possible?* Marseille, Rivages, 1984.

Petit Robert, Paris, Le Robert, 1972.

PIPONNIER Françoise, "O universo feminino: espaços e objectos", in DUBY, Georges e Michelle PERROT, *História das Mulheres*, Vol. II *A Idade Média*, Org. Christiane KLAPISCH-ZUBER, Porto, Afrontamentos/ São Paulo, Eubrasil, 1994, p. 441-460.

PIZAN, Christine de, *The Book of the City of Ladies*, New York, Persea Books, 1982 (Foreword by Marina Walter).

POLIAKOV, Léon, *De Cristo aos judeus da corte. História do Anti-semitismo I*, São Paulo, Perspectiva, 1979.

POWER, Eileen, *Medieval Women*, Cambridge, Cambridge UP, 1975. *Les femmes au Moyen Age*, Paris, Aubier, 1979.

RANKE-HEINEMANN, Uta, *Eunucos pelo reino de Deus. Mulheres, sexualidade e a Igreja católica*, São Paulo, Rosa dos Ventos, 1996.

RENIER-BOHLER, Danielle, "Vozes literárias, vozes místicas", in DUBY, Georges e PERROT Michelle, *História das Mulheres*, Vol. II *A Idade Média*, Org. Christiane KLAPISCH-ZUBER, Porto, Afrontamentos/ São Paulo, Eubrasil, 1994, p. 517-590.

RENIER-BOHLER, Danielle, "Amour Cortois" in LE GOFF, Jacques et Jean-Claude Schmitt, *Dictionnaire raisonné de l'Occident médiéval*, Paris, Fayard, 1999, p.32-41. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, Imprensa Oficial do Estado/Edusc, trad. coord. por Hilário Franco Jr 2 vol. 2002.

RICHÉ, Pierre, *Ecoles et enseignement dans le Haut Moyen Age*, Paris, Aubier, 1979.

ROSSIAUD, Jacques, *La prostitution médiévale*, Paris, Flammarion, 1988.

ROCHA, Zeferino, *Paixão, violência e solidão. O drama de Abelardo e Heloisa no contexto cultural do século XII*, Recife, Ed. Universitária da UFPE, 1996.

ROUCHE, Michel, *Clovis*, Paris, Fayard, 1996.

RUNCIMAN, Steven, *História das cruzadas*, Lisboa, Horizonte, 1993. 3 vol.

SAMUEL, Pierre, *Amazones, guerrières et gaillardes*, Paris, Complexe, 1975.

SCOTT, Joan W., *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, Recife, SOS Corpo, 1993.

SPINA, Segismundo, *A Lírica trovadoresca*, São Paulo, EDUSP, [1956] 1996.

STUARD, Susan, "The Dominion of Gender: Women's Fortunes in the High Middle Ages", in BRIDENTHAL, Renate, KOONZ, Claudia & STUARD, Susan, *Becoming Visible. Women in European History*, Boston, Houghton Mifflin, 1987.

SULLEROT, Evelyne, *Histoire et sociologie du travail féminin*, Paris, Gonthier, 1968. *A mulher no trabalho. História e sociologia*, São Paulo, Exped., 1970.

VILLON, François "Ballade des Dames du temps jadis", *Poésies complètes*, Paris, Livre de Poche, 1964.

WILLARD, Charity Cannon, *Christine de Pizan. Her Life and Works*, New York, Persea Books, 1984.